

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

SELENA COMERLATO TAVARES

**ECONOMIA EM JANE AUSTEN:  
DINHEIRO, ÉTICA E CASAMENTO**

Porto Alegre  
2018

SELENA COMERLATO TAVARES

**ECONOMIA EM JANE AUSTEN:  
DINHEIRO, ÉTICA E CASAMENTO**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Econômicas.

Orientadora: Prof. Dra. Janice Dornelles de Castro

Porto Alegre  
2018

### CIP - Catalogação na Publicação

Tavares, Selena Comerlato  
Economia em Jane Austen: dinheiro, ética e  
casamento / Selena Comerlato Tavares. -- 2018.  
70 f.  
Orientadora: Janice Dornelles de Castro.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Ciências Econômicas, Curso de Ciências Econômicas,  
Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Jane Austen. 2. economia feminista. 3. história  
econômica. 4. teoria dos jogos. 5. Adam Smith. I.  
Castro, Janice Dornelles de, orient. II. Título.

SELENA COMERLATO TAVARES

**ECONOMIA EM JANE AUSTEN:  
DINHEIRO, ÉTICA E CASAMENTO**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Econômicas.

Aprovada em: Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dra. Janice Dornelles de Castro – Orientadora  
UFRGS

---

Prof. Dr. Carlos Henrique Horn  
UFRGS

---

Prof. Dra. Rosa Ângela Chieza  
UFRGS

“Os homens tiveram todas as vantagens contra nós, ao contarem sua própria história. (...) a pena estava em suas mãos. Não admito que os livros provem coisa nenhuma” (AUSTEN, 2015a, p.613).

## RESUMO

A interdisciplinaridade entre economia e literatura está sendo cada vez mais reconhecida. É possível relacionar os livros da escritora britânica Jane Austen, particularmente *Orgulho e preconceito*, *Razão e sensibilidade*, *Persuasão*, *Mansfield Park*, *Emma* e *A abadia de Northanger*, com conceitos e aspectos econômicos oriundos de Adam Smith, da teoria dos jogos e da economia feminista. Além disso, seus romances retratavam a época e, portanto, podem ser utilizados como fontes de dados histórico-econômicos, como o fez o economista Thomas Piketty, que analisa as estruturas do capital na época em que os romances foram escritos, entre o final do século XVIII e o início do século XIX. A metodologia utilizada neste estudo foi revisão bibliográfica, análise interna dos romances e posterior interpretação pessoal. Conclui-se que os romances da escritora aparentavam serem conservadores, mas disfarçadamente criticavam a política, expressavam sua opinião sobre a ética econômica, denunciavam a condição de vulnerabilidade feminina e incentivavam as mulheres a usarem o pensamento estratégico para atingir seus objetivos.

**Palavras-chave:** Jane Austen. Economia na literatura. Adam Smith. Teoria dos jogos. Economia feminista. História econômica.

## ABSTRACT

The interdisciplinarity between economics and literature has been recognized more and more by academics. It is possible to relate the books of the British writer Jane Austen, particularly *Pride and prejudice*, *Sense and sensibility*, *Persuasion*, *Mansfield Park*, *Emma* and *Northanger Abbey*, with the economic concepts and aspects from Adam Smith, game theory and feminist economics. Furthermore, her novels portrayed her period, so they could be used as historic-economics data sources, as did the economist Thomas Piketty, who analysed the structures of the capital at the time the novels were written, between the ending of the XVIII century and the start of the XIX. The methodology used in this study was a literature review, internal analysis of the novel and subsequent personal interpretation. In conclusion, Austen's novels appear to be conservative, but they covertly critiqued politics, expressed their opinion on economics ethics, denounced the women's condition of vulnerability and encouraged women to use strategic thinking to achieve their goals.

**Keywords:** Jane Austen. Economics in literature. Adam Smith. Game theory. Feminist economics. Economic History.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	7
2. JANE AUSTEN E A HISTÓRIA ECONÔMICA DA INGLATERRA NOS SÉCULOS XVIII E XIX .....	11
3. JANE AUSTEN E A ÉTICA ECONÔMICA DE ADAM SMITH.....	19
4. JANE AUSTEN E A TEORIA DOS JOGOS.....	32
5. JANE AUSTEN E A ECONOMIA FEMINISTA.....	47
6. CONCLUSÃO.....	64
REFERÊNCIAS .....	68



## 1. INTRODUÇÃO

A obra literária de Jane Austen é considerada um marco icônico na literatura inglesa do século 19. Suas diversas adaptações ao longo dos anos evidenciam a atualidade de seus romances, cujos enredos são compatíveis tanto com a era georgiana quanto com cenários mais modernos, retratados em livros, webséries e filmes como *O diário de Bridget Jones*.

Em 2017, foi lançada uma nova nota de papel-moeda de 10 libras esterlinas, estampada com o rosto da escritora britânica Jane Austen. O lançamento não apenas celebra 200 anos de seu aniversário de morte como reacende debates acadêmicos sobre seus romances, evidenciando interpretações culturais, históricas e econômicas. É apropriado que a autora seja homenageada com uma moeda, pois as implicações financeiras do casamento são um tema central de seus romances.

Considerando a revisão bibliográfica previamente realizada sobre a conexão entre os romances da Jane Austen e a economia, o presente trabalho se propõe a realizar uma análise sobre aspectos econômicos que podemos inferir da obra de Jane Austen. Serão considerados particularmente os livros *Razão e sensibilidade*, *Orgulho e preconceito*, *Persuasão*, *Mansfield Park*, *Emma* e *A abadia de Northanger*. Este estudo será apresentado em quatro capítulos diferentes: a história econômica da Inglaterra entre os séculos XVIII e XIX, a ética econômica de Adam Smith, a teoria dos jogos e a economia feminista.

A metodologia para tal análise será através de revisão bibliográfica, análise interna dos romances e posterior interpretação pessoal. A interdisciplinaridade de tal trabalho é justificada pela importância de se unir diversas áreas de conhecimento, pois a complexidade da relação entre economia e literatura seria simplificada se não houvesse esta análise multidimensional.

Para facilitar a compreensão deste trabalho, apresentamos a seguir o resumo de cada uma das obras de Jane Austen analisadas.

*Razão e sensibilidade*: o livro começa com a morte do sr. Dashwood. Sua herança é passada ao seu filho, John Dashwood, que, após conversar com sua esposa sra. Dashwood, convence-se de que não precisa repassar o dinheiro às suas meio-irmãs, pois acredita que elas já possuem dinheiro suficiente. Elinor e Marianne Dashwood, com sua mãe e irmã mais nova, mudam-se para uma propriedade menor com um aluguel mais condizente aos seus rendimentos. Elinor deixa Edward

Ferrars, irmão da sra. Dashwood e seu interesse amoroso, para trás. Marianne acaba se apaixonando intensamente pelo jovem sr. Willoughby, que inicialmente corresponde ao seu amor, mas depois casa-se com outra mulher mais rica. Marianne fica desconsolada e posteriormente é convencida a se casar com o muito mais velho coronel Brandon, o qual ajudou sua família ao longo do romance. Enquanto isso, Elinor descobre que Edward está noivo da pobre Lucy Steele e esconde este segredo por meses. Quando a família de Edward descobre, ele é deserdado e perde sua herança. Lucy Steele casa-se com seu irmão mais velho, Robert Ferrars, em uma reviravolta, e Elinor casa-se com Edward.

*Orgulho e preconceito*: a família Bennet tem cinco filhas solteiras e a sra. Bennet deseja muito que elas se casem. Quando a propriedade de Netherfield é alugada pelo sr. Bingley, ele e Jane Bennet se apaixonam; enquanto Elizabeth Bennet passa a detestar seu amigo, o sr. Darcy, pois sua descortesia gera uma péssima primeira impressão. Posteriormente, o comportamento vulgar da família Bennet faz com que o sr. Darcy convença seu amigo que Jane não o ama de verdade e eles vão para Londres. O oficial sr. Wickham fica amigo da família Bennet e confia à Elizabeth que o sr. Darcy foi responsável por tirar sua herança. O primo sr. Collins visita a família Bennet para casar-se com uma de suas filhas, porque ele herdaria a propriedade da família quando o sr. Bennet morresse, por ser o parente homem mais próximo. Elizabeth rejeita sua proposta de casamento e o sr. Collins acaba casando com sua amiga Charlotte Lucas. Elizabeth visita o novo casal e acaba reencontrando-se com o sr. Darcy. A reaproximação faz com que ele declare seus sentimentos a Elizabeth e lhe faça uma proposta de casamento, contudo de forma indelicada. Ela rejeita sua proposta e argumenta que não o perdoará pelo que fez à sua irmã e ao sr. Wickham, ao que ele justifica suas ações por meio de uma carta, fazendo com que ela tenha outra visão dele. Lydia Bennet foge com o sr. Wickham e o sr. Darcy suborna-o para que ele se case com a jovem, para gratidão de Elizabeth. Ao fim, Jane casa-se com o sr. Bingley, e o sr. Darcy com Elizabeth.

*Persuasão*: Anne Elliot rejeitou a proposta de casamento do capitão Wentworth há oito anos, que na época não tinha dinheiro ou posto, por influência de sua amiga Lady Russel. Seu pai, o narcisista Sir Walter Elliot, precisa alugar sua propriedade para arcar com as dívidas, então se muda com sua outra filha Elizabeth para a cidade de Bath. Anne vai morar com a irmã casada, Mary Musgrove, no

vilarejo vizinho, quando é revelado que o capitão Wentworth é irmão do novo rentista de sua propriedade e ele se torna um convidado regular de Mary. Enquanto isso, dois personagens têm segundas intenções: a sra. Clay que procura seduzir o Sir Walter Elliot; e o primo de Anne, o sr. Elliot, que tanto quer impedir a união dos dois primeiros, para que não tenham um herdeiro homem que possa ficar com a propriedade que é sua herança, quanto deseja casar-se com Anne para garantir seus direitos. Em Bath, Anne reencontra uma antiga amiga, a sra. Smith, que revela o caráter perverso do sr. Elliot, pois a deixou na miséria. Ao fim do romance, o sr. Elliot e a sra. Clay terminam juntos, em uma reviravolta, e Anne casa-se com o capitão Wentworth, a quem ainda amava.

*Mansfield Park*: Fanny Price mora com seus primos ricos, a família Beltram, e leva uma vida de servitude. Durante a ausência do patriarca Sir Thomas, os jovens ensaiam uma peça de teatro com seus vizinhos, denominada *Juras de Amor*, quando Mary Crawford e Edmund Beltram se apaixonam e Henry Crawford seduz a comprometida Maria Beltram. Henry vai embora e Maria Beltram oficializa seu casamento com o sr. Rushwood, ao qual não amava e a quem eventualmente abandona para fugir com Henry. Antes do caso extramarital, Henry Crawford pede Fanny Price em casamento; ele inicialmente queria seduzi-la apenas para satisfazer sua vaidade, mas começa a nutrir sentimentos mais verdadeiros pela mesma. Fanny Price rejeita-o apesar dos apelos de sua família e seus amigos para que aceitasse. Mary Crawford recrimina que o caso extramarital foi descoberto, mas não a sua ocorrência, ao que Edmund Beltram julga-a imoral e acaba casando-se com Fanny Price, que secretamente o amava.

*Emma*: Emma Woodhouse é uma jovem rica e inteligente que mora com o pai e que não deseja se casar, pois acredita estar mais feliz do jeito que está. Ela se considera uma casamenteira, então procura unir sua amiga mais pobre Harriet Smith ao pastor sr. Elton. Suas intenções são mal compreendidas pelo sr. Elton, que a faz uma proposta de casamento e é rejeitado. Emma convence Harriet a rejeitar a proposta de casamento do fazendeiro sr. Martins, mas eles se casam ao fim do romance. Jane Fairfax é uma jovem da mesma idade de Emma, mas sem a mesma riqueza, estando destinada a tornar-se governanta. Depois, todavia, descobrimos que Jane tem um noivado secreto com Frank Churchill. O cunhado de Emma, sr. Knightley, é bem mais velho, mas ele tem sido seu amigo e parceiro intelectual; eles

acabam se casando, porque ele está disposto a mudar-se para a propriedade de Emma para cuidarem do seu pai juntos.

*A abadía de Northanger*: sendo uma releitura do romance gótico, conta a história de Catherine Morland. Ela vai para a cidade de Bath, onde faz amizade com Isabella Thorpe e Henry Tilney, todavia Isabella se enamora pelo seu irmão e o irmão de Isabella, John, se enamora por Catherine. A família Tilney convida Catherine a ficar um tempo em sua propriedade, a abadía de Northanger, ao que a imaginação de Catherine fervilha com visões romanescas e assombrações góticas. Isabella tinha se tornado noiva de James Morland, mas troca-o pelo mais rico Frederik Tilney, irmão mais velho de Henry, apenas para ser largada pelo mesmo e terminar o romance sozinha. O general Tilney expulsa Catherine da abadía, mandando-a para casa sem dinheiro ou acompanhantes, após descobrir que ela não era rica como acreditava. Henry Tilney acaba indo atrás dela e a pede em casamento, sendo aceito por Catherine.

Esses romances serão analisados e interpretados por um conjunto de conceitos econômicos em quatro abordagens diferentes: o contexto da história econômica da Inglaterra entre os séculos XVIII e XIX; o conceito de ética econômica de Adam Smith; os conceitos da teoria dos jogos; e a análise da economia feminista.

## 2. JANE AUSTEN E A HISTÓRIA ECONÔMICA DA INGLATERRA NOS SÉCULOS XVIII E XIX

Jane Austen nasceu na Inglaterra em 1774 e faleceu em 1817 durante um período conhecido como Era Georgiana, quando houve os reinados dos reis George I, George II, George III e George IV. Ela fez parte da primeira geração europeia de artistas mulheres que apareceram “em posse de seus plenos direitos e em considerável número” (HOBSBAWM, 2013, p.412). De acordo com Hobsbawm, “as romancistas foram muito frequentes na classe média inglesa, onde essa forma de arte era considerada uma forma ‘respeitável’ de ganhar dinheiro para moças bem dotadas” (HOBSBAWM, 2013, p.412), embora outros autores afirmem que essa atividade não era tão bem vista (GILBERT; GUBAR, 1979).

Austen pertencia a um grupo descrito por Copeland em *The Cambridge companion to Jane Austen* (1997) como “pseudo-aristocracia”, o qual mantinha laços com a aristocracia rural, objeto de seus romances, mas dependia da renda de um homem provedor. A romancista costumava viver no interior da Inglaterra e era frequentemente convidada para visitas a grandes propriedades. Austen escrevia sobre o que ela conhecia, por isso declarava que suas histórias seguiam a ideia de “três ou quatro famílias numa vila do interior” (CHAPMAN; AUSTEN, 1964, tradução nossa).

Austen nasceu quando o Banco da Inglaterra tinha apenas 81 anos, tendo começado a imprimir e circular notas há 16 anos. O sistema bancário britânico estava quase totalmente desregulado. A Quebra dos Mares do Sul de 1720, o estouro da bolha econômica que gerou uma das crises mais devastadoras da história do capitalismo, ainda era uma memória recente. Quando Jane Austen tinha 26 anos, a Bolsa de Valores de Londres abriu. Economicamente, desenvolvia-se uma era excitante e perigosa, um novo mundo de crédito, notas, altas finanças e débito pessoal e nacional, que a maioria dos britânicos considerava desconcertante (TORAN, 2015).

De acordo com Craig (2015), como cidadã britânica, Austen vivenciou uma série de crises econômicas ao longo de sua vida, e muitas vezes as inseriu em seus romances. Diversos autores empregam a obra de Austen como referência para o padrão de vida da época, pois defendem que a literatura frequentemente pode ser um indicador mais fiel e com uma melhor caracterização da realidade social do que

os dados econômicos. Hobsbawm é um destes autores, ao acreditar que “os melhores comentários sobre os problemas da urbanização na Inglaterra se deveram aos escritores criativos” e que o escritor “Carlyle foi um guia mais confuso, porém mais profundo, para a Inglaterra em 1840 do que o cuidadoso estatístico e compilador J. R. McCulloch” (HOBSBAWM, 2013, p.414).

O dinheiro é um elemento muito presente na obra de Austen, sendo comumente usado para descrever a situação financeira de seus personagens e sendo uma das grandes motivações para o casamento. Segundo Piketty (2014), nos romances do século 18 e 19, era comum as personagens terem sua fortuna e rendas descritas para que o leitor compreendesse o nível social de cada um. Segundo ele, “a renda e as fortunas eram onipresentes em toda a literatura até 1914 (...), e jamais reapareceram” (PIKETTY, 2014, p. 111), pois “até a Primeira Guerra mundial”, que desestabilizou os marcos monetários, “o dinheiro tinha um sentido” (PIKETTY, 2014, p. 109). O historiador Eric J. Hobsbawm também reconhece a importância do dinheiro para os autores desta época, declarando que “o elemento demoníaco na acumulação capitalista, a busca ininterrupta e ilimitada de *mais*, além dos cálculos da racionalidade ou do propósito, a necessidade ou os extremos do luxo, tudo isso os encantava” (HOBSBAWM, 2013, p.408).

Thomas Piketty, em seu livro *Capital no século XXI* (2014), utiliza os romances de Jane Austen para ilustrar a estrutura do capital na Inglaterra do século XVIII e XIX. Como ele observa, durante a vida de Austen a renda média britânica permaneceu baixa, sendo um ponto de referência muito estável, apesar dos custos dos bens variarem bastante. Austen compreendia o estado econômico de sua nação, além de saber os valores anuais necessários “para viver com conforto e elegância” (PIKETTY, 2014, p. 108), os quais frequentemente atribuía a seus personagens. No período, “a natureza da riqueza era, *a priori*, relativamente óbvia para todos” (PIKETTY, 2014, p. 115) e, nos romances, “invariavelmente aparecia de duas formas: terras ou dívida pública” (PIKETTY, 2014, p. 115). Logo, “o patrimônio parecia existir para gerar rendas de propriedade, ou seja, rendas seguras e regulares para quem o possuía, sobretudo na forma de terras ou de títulos da dívida pública” (PIKETTY, 2014, p. 115). O sr. Darcy, de *Orgulho e preconceito*, era altamente cobiçado como marido pelas 10 mil libras que recebia anualmente em rendimentos. O valor dos rendimentos anuais era a forma de medir o tamanho da

riqueza de cada um, enquanto o valor absoluto de seus patrimônios permanecia implícito neste valor e nunca era usado para fins de comparação.

No século XIX, o Reino Unido viveu um altíssimo nível da dívida pública, devido aos gastos com as guerras napoleônicas. Ao contrário da França, que liquidou sua própria dívida rapidamente com um novo sistema fiscal em 1790 e a moratória *banqueroute des deux tiers*, o Reino Unido leva um século para reduzir este endividamento “a menos de 30% da renda nacional no início dos anos 1910” (PIKETTY, 2014, p. 131). A altíssima elevação do endividamento britânico de 1770 a 1810 foi financiada por correspondente elevação da poupança privada, enriquecendo os detentores de títulos da dívida pública e os elevando ao mesmo status dos grandes proprietários de terra. Ambos apareciam como protagonistas nos romances de Jane Austen e favoreceram a acumulação exorbitante a que chegou a riqueza privada, cuja perpetuação ocorria pela transmissão de herança e pela pouca ou inexistente tributação sobre a renda e os rendimentos do capital.

Piketty (2014) menciona que o capital também aparecia em outras formas, mais “dinâmicas”, como as derivadas das colônias. Em *Mansfield Park*, Sir Thomas Bertram possui plantações nas Antilhas, e precisa passar longos períodos na região para organizar seus investimentos. Jane Austen testemunha o início da importância progressiva das posses externas: elas representavam 10% da renda nacional do Reino Unido em 1812, quando escreveu o romance, mas “ao longo do século XIX, a acumulação de ativos britânicos no resto do mundo atinge proporções consideráveis, (...), jamais ultrapassadas até hoje” (PIKETTY, 2014, p.122). Estes ativos financeiros eram importantes para sustentar o déficit comercial estrutural da época.

O economista francês, Thomas Piketty, desenvolve uma série de questionamentos sobre quais seriam as verdadeiras transformações na estrutura do capital desde o século 18:

Para além das mudanças evidentes nas suas formas concretas - das massas do pai Goriot aos tablets de Steve Jobs, dos territórios e plantações das Antilhas de 1800 aos investimentos chineses ou sul-africanos do século XXI -, não seriam as estruturas profundas do capital as mesmas? (PIKETTY, p. 117, 2014)

Todo capital é arriscado inicialmente, mas ele tende a transformar-se em renda quando acumulado sem limites. A figura do grande proprietário de Austen, com sua renda certa e segura, é odiada na modernidade meritocrática, mas é esse o

tipo de renda obtido pelos acumuladores: é o destino lógico do capital. “De onde vem, portanto, essa impressão difundida de que a desigualdade nas nossas sociedades modernas seria tão diferente daquela que caracterizava a época de Balzac e de Jane Austen?” (PIKETTY, 2014, p. 117). O argumento de Piketty reside no fato do capital continuar o mesmo ao longo dos séculos, com as mesmas características de proporcionar um alto rendimento para quem o possui em grande quantidade. Sua materialização em títulos públicos e posse de terras apenas abriu espaço para formatos mais “dinâmicos”, dando destaque ao mercado financeiro. O capital continua gerando crescente desigualdade na distribuição de renda conforme os ricos ficam cada vez mais ricos, tornando-se mais distantes financeiramente da população comum.

Jane Austen vivenciou “um gigantesco débito nacional, quatro recessões, duas crises bancárias, a depreciação da moeda, uma grande queda econômica, e uma depressão, que, combinados, fizeram com que os preços dobrassem de valor, i.e., inflação extrema.” (TORAN, 2015, tradução nossa). Além disso, “de 1792 a 1815 houve guerra quase ininterrupta na Europa” (HOBSBAWM, 2013, p.134). Apesar disto, seus romances possuem um cenário macroeconômico pacato e “as famílias do interior nos romances de Jane Austen seguiam seus afazeres como se a guerra não existisse” (HOBSBAWM, 2013, p.156).

Alguns críticos acreditam que essa aparente tranquilidade resulta do fato de que a área rural do Reino Unido, onde se passa a maior parte de suas obras, foi menos afetada pelas crises; também porque “para a maioria dos habitantes da Europa, exceto os combatentes, a guerra provavelmente não significou mais do que uma interrupção ocasional do cotidiano” (HOBSBAWM, 2013, p.156). A verdade é que Austen preferiu focar nas políticas locais, as quais seus leitores britânicos originais poderiam entender e discutir (CRAIG, 2015).

Outros autores acreditam que “a serenidade e a estabilidade encontradas nos romances de Austen (...) são, na realidade, declarações políticas” (CRAIG, 2015, p.3, tradução nossa). Jane Austen é conhecida por sua sutileza ao incluir críticas e declarações pessoais em sua obra, e as realizou também em caráter histórico-econômico. Há uma discussão política e econômica em suas obras que apenas pode ser percebida através de um estudo sobre os acontecimentos da época em que foram escritos. O livro de Sheryl Craig, *Jane Austen and the state of the nation* (2015), é referência nesta área por realizar uma análise exaustiva dos livros de



Austen ao compará-los com o que ocorria no cenário político e econômico da Inglaterra georgiana enquanto Austen os escrevia.

“Em 1795, Austen escreveu a versão original de *Razão e sensibilidade*, denominada então *Elinor e Marianne*, na qual os problemas fiscais da sra. Dashwood refletiam os da Inglaterra georgiana da época” (CRAIG, 2015, p. 14-15, tradução nossa). A população sofria uma “extrema perda do poder de compra, devido à inflação”, sendo “uma situação que Austen não precisava explicar aos seus leitores contemporâneos” (TORAN, 2015, tradução nossa). De acordo com Craig (2015), entre 1750 e 1794, houve grande aumento no custo dos bens, sem igual aumento nos salários. Soma-se a isso a seca e o frio que prejudicaram a colheita de 1794 e 1795, dobrando o preço do pão, da carne, do leite e do queijo; e gerando fome e pobreza generalizados. Era a primeira crise financeira na vida de Jane Austen. Apesar do avassalador número de pobres, a falta de apoio político estagnou qualquer ajuda do governo. A reforma da *Poor Law*, um sistema de ajuda social aos pobres proposta pelo Primeiro Ministro William Pitt, sofria oposição pelos integrantes do partido Whigs, de linha liberal, e alguns do Tory, de linha conservadora (CRAIG, 2015). Eles clamavam que o sistema “recompensava os desocupados e negligentes” (HIMMELFARB, 1984, p. 75, tradução nossa), enquanto secretamente acreditavam que a mão invisível de Adam Smith regularizaria a economia (CRAIG, 2013).

Em *Razão e sensibilidade*, o desinteresse auto justificado de John Dashwood em ajudar sua família, com argumentos extremamente fracos e egoístas, assemelha-se com a inércia do Parlamento (CRAIG, 2011). A compreensão do contexto de crise financeira torna sua recusa em ajudar as irmãs ainda mais cruel. Além disso, os diálogos e ações de John e Fanny Dashwood, sua esposa, também refletem a posição dos Whigs radicais que rejeitavam a criação de novos tributos.

Em 1796, Jane Austen começou a escrever *Primeiras impressões*, o primeiro rascunho de *Orgulho e preconceito*. O Primeiro Ministro William Pitt ainda endossava um programa de bem-estar generoso, procurando aprovar um salário mínimo nacional (CRAIG, 2015). Refletindo a visão dominante dos economistas do período, de que os pobres eram responsáveis por sua própria pobreza, a oposição clamava que “trabalhadores e suas famílias poderiam se manter em seus baixos salários se parassem de comer pão de trigo e adotassem uma dieta mais espartana” (CRAIG, 2013, p. 68, tradução nossa). Essa solução era irrealista considerando o cenário de escassez de comida e o Parlamento continuou falhando em prover

qualquer ajuda econômica. *Orgulho e preconceito* sutilmente reflete essas políticas. O sr. Darcy é louvado por sua generosidade para com os pobres em seu condado natal Derbyshire, representando um Whig moderado que apoia o aumento dos tributos, enquanto *Lady Catherine* visita os pobres apenas para dar conselhos não solicitados e criticá-los por serem insuficientemente econômicos, dando voz a um Whig radical (CRAIG, 2015). Para um leitor moderno, é evidente que a generosidade com os pobres é uma qualidade nobre, mas na Inglaterra do século 19 nem todos concordariam, e assim Jane Austen estava fazendo uma declaração política quando o endossou como um exemplo positivo (TORAN, 2015).

A obra *A abadía de Northanger*, publicada postumamente, foi escrita por Jane Austen entre 1798 e 1799, logo após a aprovação da lei britânica que suspendeu a conversibilidade da moeda em ouro, para proteger suas reservas metálicas. “A situação financeira de Catherine Morland e sua família é uma analogia à estabilidade econômica do Banco da Inglaterra”, similar às usadas por Adam Smith para “ilustrar conceitos financeiros nacionais em *A riqueza das nações*” (CRAIG, 2015, p. 16, tradução nossa). Os medos irracionais de Catherine assemelham-se aos falsos rumores sobre uma invasão francesa à Inglaterra que geraram pânico e corridas ao banco para retirada de dinheiro. Em paralelo com os discursos do Primeiro Ministro Pitt para tranquilizar a nação (CRAIG, 2015), Henry Tilney procura acalmar Catherine ao declarar que atrocidades góticas nunca poderiam ocorrer na Inglaterra porque é um país onde “cada homem é cercado por uma vizinhança de espiões voluntários” (AUSTEN, 2015.2, p.733), referindo-se ironicamente à paranoia política e à repressão do general Tilney, seu pai. O papel do general Tilney de inquisidor moderno reflete a percepção de Austen que o mundo político era um pesadelo entre a década de 1790 e o início de 1800 (GILBERT; GUBAR, 1979).

Em seus romances anteriores, *Razão e sensibilidade*, *Orgulho e preconceito* e *A abadía de Northanger*, Jane Austen defendeu que a política nacional ajudasse os pobres e estabilizasse a economia. Após a morte do Primeiro Ministro William Pitt em 1806, entretanto, a autora parece perder sua confiança no governo nacional (CRAIG, 2015).

A escrita de *Mansfield Park* inicia-se em 1811 e é concluída em 1813. Na interpretação de Sheryl Craig, este romance não apoia nem o partido Tory nem o partido Whigs, mas consiste em uma “sátira da incompetência e corrupção na Câmara dos Comuns” (CRAIG, 2015, p.17, tradução nossa), sendo uma crítica a

todos os políticos e concluindo sem esperança de mudanças. Os investimentos financeiros externos eram muito lucrativos na época, como já mencionado por Piketty (2014), e as plantações nas Antilhas de *Sir Thomas Bertram* compelem-no a viajar constantemente e se ausentar dos acontecimentos de sua família, sugerindo que estes investimentos externos distraíam os membros mais competentes do Parlamento, prejudicando a nação. A peça de teatro ensaiada exaustivamente pelas personagens, mas nunca efetivamente apresentada ao público por ter sido cancelada por *Sir Thomas*, é uma reencenação de uma sessão no Parlamento onde nada é realmente realizado. Austen está parodiando os políticos que perdem seu tempo enquanto a economia do Reino Unido se deteriorava economicamente. O charmoso antagonista Henry Crawford representaria um político corrupto, cujo projeto de conquista do amor de Fanny Price equivaleria a uma campanha eleitoral, enquanto a avarenta e egoísta sra. Norris representaria um Whigs radical (CRAIG, 2015).

Os romances escritos após *Mansfield Park* são mais positivos. O Parlamento já declarara que não interviria para ajudar os necessitados, mas Austen sugere outra solução: o governo local e os indivíduos poderiam trabalhar juntos em suas comunidades para a obtenção de estabilidade econômica e o bem-estar da população carente (CRAIG, 2015).

*Emma* foi escrita em 1814, um ano de caos econômico. O débito nacional havia alcançado valores altíssimos e o conseqüente aumento dos preços e a diminuição dos salários empobreceram ainda mais a população britânica. O romance apresenta a solução de Jane Austen para o problema de bem-estar nacional: os pobres poderiam ser ajudados em suas comunidades pelas autoridades locais, como o magistrado George Knightley, a protagonista Emma Woodhouse e o pastor sr. Elton. *Emma* tranquiliza os leitores ao sugerir que a Inglaterra conseguiria atravessar a crise financeira se a maioria das pessoas cooperassem em suas comunidades e contribuíssem para o bem comum, seguindo o princípio de Adam Smith (2003) de que a economia tende ao equilíbrio. O romance de Austen apresenta a vila fictícia Highbury como um refúgio seguro para os pobres, como a família Bates, e um modelo a ser seguido pela nação. Destaca-se que em Surrey, a região onde se passa *Emma*, a aristocracia havia adotado voluntariamente os principais aspectos da proposta de bem-estar feita por William Pitt em 1797. As taxas da *Poor Law* foram aumentadas para cobrir o aumento dos gastos com

programas de bem-estar, foi determinado o salário mínimo e foi imposta uma moratória sobre os cercamentos de terra, que privava os camponeses de seu sustento ao retirá-los de suas terras para transformá-las em pastos para as ovelhas (CRAIG, 2015).

O último romance finalizado de Austen, *Persuasão*, foi escrito entre 1815 e 1816, durante a crise financeira que ocorreu após a Batalha de Waterloo. Houve a falência de um terço dos bancos ingleses, levando o país à depressão econômica. O extravagante *Sir Walter Elliot* representa um Whig radical, enquanto seu oposto aparece como a cautelosa *Lady Russell*, uma Tory reacionária; a crítica aos dois em *Persuasão* reflete a demanda de Austen por moderação e reforma política. A propriedade Kellynch Hall, a qual o *Sir Walter Elliot* é obrigado a alugar para fugir da falência, é uma analogia à nação britânica, pois nesta época a Inglaterra e o mundo de *Sir Walter Elliot* estavam à beira do colapso econômico. A história do romance termina antes da crise econômica irromper, sugerindo que Austen está especulando sobre as causas da crise e em como a nação responderá a ela. Aqueles relutantes em fazer mudanças ou sacrifícios, como o *Sir Walter Elliot*, membro do Parlamento, serão eliminados. Personagens sensatas como a Anne Elliot, o capitão Benwick e a sra. Smith persistirão e se reinventarão, adaptando-se à situação de crise. Essa é a mensagem esperançosa de *Persuasão* à nação: será possível sobreviver. O romance pede por uma mudança profunda no governo, um diagnóstico realista do estado do país e um novo começo (CRAIG, 2015).

Jane Austen conhecia intimamente sua época, retratando diversos aspectos econômicos e históricos em sua obra, como atestam os diversos autores e historiadores aqui citados. Seus romances carregam um alto valor de referência histórica por explicitarem o modo de vida, o pensamento e o dia-a-dia da Inglaterra georgiana, e por isso são utilizados como fontes de informações para estudos aprofundados sobre o período. A obra de Austen permite a visualização e a compreensão de diversos aspectos econômicos, ricamente ilustrados pelas histórias de seus personagens por assumirem as diversas facetas do debate político (CRAIG, 2015). O estudo do passado incentiva a reflexão e a compreensão da realidade econômica hoje, como a estrutura do capital e da desigualdade, cujos fundamentos permanecem (PIKETTY, 2014).

### 3. JANE AUSTEN E A ÉTICA ECONÔMICA DE ADAM SMITH

Adam Smith é conhecido como o “pai da economia” pela publicação do livro *Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações* em 1776, quando Jane Austen tinha um ano de idade. Era uma época em que recém surgira o sistema bancário, dado que o Banco da Inglaterra tinha apenas 82 anos e só imprimia e circulava notas há 16, e esse sistema financeiro baseado inteiramente na confiança era alvo de descrença. Adam Smith e outros, por conseguinte, decidiram explicar o sistema de livre mercado para a minoria rica da população, alfabetizada (TORAN, 2015). O livro *A riqueza das nações* foi rapidamente aclamado como um clássico e é considerado o marco para a criação das ciências econômicas. Apesar de Austen ser uma pessoa muito estudada, não é provável que ela o tenha lido. Ela não precisava: o trabalho de Smith permeava a cultura da época, assim como qualquer livro entre os mais vendidos o faz hoje (CHAMBERLAIN, 2014).

Mais que *A riqueza das nações*, entretanto, a obra de Austen reflete muitos preceitos de *A teoria dos sentimentos morais*, cuja dissertação sobre a ética econômica era também muito popular entre seus contemporâneos. O livro fora publicado inicialmente em 1759, sendo revisado seis vezes ao longo da vida de Smith, tamanha a paixão do autor pelo tema. Nele, Smith refere-se às fundações da “sociedade civilizada, como modificamos nosso comportamento ao compreendermos como os outros nos veem e percebermos que eles nunca considerarão nossos problemas da mesma forma próxima e intensa com que nós o fazemos” (CHAMBERLAIN, 2014, tradução nossa). Smith introduz o conceito de simpatia, cuja definição aproxima-se do que hoje denominamos empatia - o ato de imaginar-se no lugar do outro para tentar entender seus sentimentos, sendo a compreensão que as pessoas desejam umas das outras. “[A pessoa] anseia por aquele alívio que nada, senão a concordância total dos afetos dos espectadores com os seus, pode lhe dar”, mas este exercício de imaginação não se equipara à intensidade do sentimento real e ela “só pode esperar obter isso se rebaixar sua paixão até aquele limite que os espectadores são capazes de acompanhar” (SMITH, 1999, p.22). Quando, ao contrário, alguém “não possui o que chamamos de ‘delicadeza’ em relação aos sentimentos dos outros (...), ele não é amável” (AUSTEN, 2015b, p.400) e será mal visto pelos outros.

O autodomínio e prudência pregados por Smith para a manutenção de uma sociedade harmônica podem ser equiparados ao autocontrole promovido por Austen. A sociedade europeia do período era regida através de rígidas regras sociais e de etiqueta e, destarte, a conduta de seus membros era monitorada de acordo. Não é por nada que muitas das cenas dos livros passam-se em salões confinados com pessoas, nos quais todo ato é observado, discutido e comentado pelos presentes, e onde rumores e fofocas são as principais fontes de notícias. As personagens agem cuidadosamente para não iniciar rumores indesejados e precisam aprender a ler o comportamento do outro, pois as principais mensagens são transmitidas nas entrelinhas (SUTHERLAND, 2014). Para Smith, este estado de vigilância constante era benéfico para aprendermos como deveríamos nos portar: “Nossa constante observação da conduta alheia imperceptivelmente nos leva a formar para nós próprios certas regras gerais quanto ao que é adequado e apropriado fazer ou evitar” (SMITH, 1999, p.191). Detalhe que este autodomínio e temperança não eram requeridos por todas as sociedades, pois nas nações francesa e italiana, por exemplo, regia o comportamento franco e expansivo, com “diferentes padrões com que julgam a conveniência do comportamento” (SMITH, 1999, p.256).

Para manter as aparências em sociedade, às vezes era preciso realizar escolhas indesejadas. Em *Mansfield Park*, Mary Crawford insiste para que Fanny Price aceite uma de suas correntes para poder usar seu pingente de cruz na próxima festa. “Fanny viu-se obrigada a render-se, para não ser julgada orgulhosa ou indiferente, ou que demonstrasse alguma outra pequenez, e com recatada relutância aceitou e pôs-se a escolher” (AUSTEN, 2015b, p.168).

Mary Crawford é uma dama da alta sociedade, mas sua franqueza e imprudência fazem com que seja mal vista por Fanny e Edmund, apesar dela mesma acreditar estar sendo própria e respeitável. “Coramos pelo despudor e rudeza de outra pessoa, embora ela mesma pareça nem suspeitar da impropriedade de seu comportamento, uma vez que não podemos evitar de sentir que constrangimento nos invadiria se nos portássemos de maneira tão indigna” (SMITH, 1999, p.9). Fanny reflete que “[a srta. Crawford] mostrava uma mente extraviada e aturdida, e sem a menor desconfiança de que fosse assim: sombria, mas imaginando que irradiava luz. Ela talvez o amasse, mas não merecia Edmund por nenhum outro sentimento” (AUSTEN, 2015b, p.235). Tudo poderia ter sido diferente

para a srta. Crawford caso ela soubesse como os outros a percebiam a tempo de mudar sua atitude. “Se pudéssemos nos ver como os outros nos veem, ou como nos veriam se soubessem de tudo, seria inevitável uma reforma geral” (SMITH, 1999, p.191).

A verdade, como Edmund Bertram tão bem coloca, é que Mary “falava apenas como se habituou a ouvir os outros falarem, como imaginava que todos os demais falariam” (AUSTEN, 2015b, p.292). Os irmãos Henry e Mary Crawford acabam sendo retratados como os grandes antagonistas deste romance, mas a sua criação explica a diferença entre suas éticas e as dos protagonistas. “Os que tiveram o infortúnio de ser criados no meio da violência, licenciosidade, falsidade e injustiça, perdem todo o senso de inconveniência de tal conduta (...). Familiarizam-se com esses vícios desde a infância, o costume tornou-os habitual” (SMITH, 1999, p.247).

Mary tinha outro grande defeito. Ela valorizava a fortuna imensamente, e para ela este era o maior obstáculo para a concretização de sua união com Edmund Bertram, cujos rendimentos futuros como sacerdote não seriam suficientes para manter seu padrão de vida ideal. “Pretendo ser demasiado rica para me lamentar ou sofrer qualquer coisa deste tipo. Uma grande renda é a melhor receita para a felicidade de que ouvi falar” (AUSTEN, 2015b, p.139). “Amava-o Mary o bastante para privar-se do que considerava pontos essenciais? Ou o amava o suficiente para deixar de considerá-los tão importantes?” (AUSTEN, 2015b, p.166). A resposta é não. Ao fim do romance, Mary encontra-se sozinha, pois “demorava a encontrar um marido entre os vistosos pretendentes (...) que lhe tirasse Edmund Bertram o suficiente da cabeça” (AUSTEN, 2015b, p.301). Mary sacrificou a felicidade que teria com seu amado por um ideal imaginário de felicidade que o dinheiro lhe proporcionaria.

Smith (1999) escreveu sobre como a busca por dinheiro poderia deformar o caráter moral e sugeriu que riqueza e virtudes poderiam ser mutuamente exclusivas. Smith estava dividido entre sua crença de que o dinheiro promovia o progresso humano, e sua convicção pessoal de que ele não tornava as pessoas felizes (CHAMBERLAIN, 2014). Ele questiona “o que falta à felicidade do homem saudável, que não possui dívidas e tem a consciência limpa? (...) para alguém nestas condições todo acréscimo de fortuna é supérfluo” (SMITH, 1999, p.53). *Sir Thomas* é um que acaba compreendendo o que realmente importa. “Farto de ambiciosas e mercenárias ligações, valorizava cada vez mais o elevado bem de princípios e

temperamento” (AUSTEN, 2015b, p.302), aceitando a união entre Fanny e Edmund ao fim do romance.

Fanny recusa a proposta de casamento de Henry Crawford por não aprovar sua conduta. Anteriormente, ele havia flertado intensamente com as irmãs Julia e Maria Bertram, de forma moralmente imprópria. Ela não poderia revelar o motivo de sua recusa para seu tio *Sir* Thomas, todavia, sem revelar as atitudes igualmente impróprias das irmãs. “Maria e Julia, em especial Maria, estavam tão estreitamente envolvidas na má conduta do sr. Crawford que ela não podia descrever-lhe o caráter, como o julgava, sem as trair” (AUSTEN, 2015b, p.204). Fanny decide não lhe revelar suas razões por consideração às irmãs, acolhendo a recriminação que se seguiria. Isto vai de acordo com o que prescreve Smith: “Um indivíduo nunca deve se preferir tanto a outro a ponto de ferir ou prejudicar esse outro para beneficiar a si mesmo” (SMITH, 1999, p.167).

O irmão de Fanny, William Price, não tem muitas posses e se alista na marinha para obter melhores condições de vida. Smith descrevê-lo-ia como um “homem de espírito e ambição”, que “olha em torno buscando alguma oportunidade para se distinguir (...), até aguarda com satisfação a perspectiva de uma guerra no estrangeiro ou uma dissensão civil” (SMITH, 1999, p.66). Henry Crawford é seu oposto, sendo um homem de muitas posses. Ao ouvir os relatos romantizados de William sobre suas viagens marítimas, “ele desejou ser um William Price, que se distinguiu e progredia pelo próprio esforço rumo à fortuna e importância com tanto amor-próprio e ardor satisfeito, em vez de ser o que ele era” (AUSTEN, 2015b, p.154). Smith descreveria Henry como “o homem de posição e distinção”, que “pode desejar expor-se a um pequeno perigo, e a participar de uma campanha se isso for a voga, todavia (...) não deseja embaraçar-se com o que pode resultar em dificuldade ou aflição. Figurar num baile é seu grande triunfo, e obter êxito numa intriga ou galanteria, sua maior façanha” (SMITH, 1999, p.67). Dito e feito, “o desejo revelou-se mais impulsivo do que duradouro (...) e Henry reconheceu de imediato que era muito bom ser um homem rico, com cavalos e cavaliços sob seu comando” (AUSTEN, 2015b, p.154).

Um fato pouco divulgado sobre a teoria liberal de Adam Smith, é que é em *A teoria dos sentimentos morais*, e não em *A riqueza das nações*, que há o surgimento da mão invisível em suas obras. Este é um elemento do liberalismo econômico clássico que dita que a distribuição dos recursos se dará de forma ideal caso os



mercados sejam livres, como se houvesse uma mão invisível que organizasse a economia almejando ao equilíbrio da oferta e da demanda dos bens e serviços. A mão invisível é usada para defesa do livre mercado e como advertência para os perigos da intervenção estatal, capaz de perturbar a tendência natural dos mercados ao equilíbrio. Em suas palavras, “a despeito de seu natural egoísmo”, os ricos “são conduzidos por uma mão invisível a fazer quase a mesma distribuição das necessidades da vida que teria sido feita, caso a terra tivesse sido dividida em porções iguais entre todos os seus moradores” (SMITH, 1999, p.226).

O livre mercado é defendido por Austen: “Os funcionários tornam-se peritos pelo hábito (...) e são pagos para essa finalidade. É a chave para a qualidade do serviço. O público paga e deve ser bem atendido” (AUSTEN, 2015b, p.492). A autora está sugerindo que o setor privado é mais eficiente do que o setor público porque o contato direto com o público consumidor proporciona maior pressão pela qualidade do serviço. Austen também reflete essa linha de pensamento de forma mais sutil ao que suas heroínas costumam tender ao *status quo*, sem discutir sobre a veracidade dos méritos do nascimento e aceitando suas condições de vida e classe social. Em *Emma*, Emma Woodhouse, em seu autoproclamado posto de casamenteira, se atém a esse ideal ao considerar as prospecções de pares românticos em sua região de acordo com as classes sociais e os níveis de renda. “Em seis anos, [o sr. Martin] poderá encontrar uma boa moça, do mesmo nível social, com um pequeno dote, e isso seria muito agradável” (AUSTEN, 2015b, p.324). Com essa preocupação, Emma decide juntar o sr. Elton com Harriet Smith. “A situação do sr. Elton era mais adequada porque ele era um cavalheiro sem ligações com pessoas de nível social inferior (...). Ele tinha uma confortável casa para oferecer à amiga e Emma acreditava que também possuía uma boa renda” (AUSTEN, 2015b, p.327). O mau julgamento de sua própria condição social pode levar a constrangimentos, como a indesejada proposta de casamento do sr. Elton à Emma, quando ele imaginou “estar na mesma situação de Emma, tanto em posição na sociedade como intelectualmente” (AUSTEN, 2015b, p.392).

Emma aprecia fazer caridade, fazendo visitas ocasionais aos pobres e doentes que moram no entorno de sua propriedade, suprindo-os com dinheiro e cuidados, por exemplo, mas sabe que essa é função primária de sr. Elton, o pastor. Em seu entendimento, as pessoas nascem ricas ou pobres e devem viver de acordo com as condições proporcionadas pelo seu nascimento e classe social, sendo

felizes de sua própria forma. As distinções entre as pessoas se fazem clara em sua mente, mas a seu ver há felicidade e conforto para todos. Harriet havia passado “dois meses felizes em companhia” da família Martin, na fazenda Abbey Mill, e “amava falar dos prazeres dessa visita e descrever os diversos confortos e maravilhas do lugar”, falando com entusiasmo desta simplicidade (AUSTEN, 2015b, p.322). Segundo ela, “eles vivem muito confortavelmente. Não possuem nenhum criado para a casa, mas isto não lhes faz falta” (AUSTEN, 2015b, p.324).

Emma constantemente aconselha sua amiga Harriet Smith a cuidar sua posição na sociedade e as pessoas com quem se relaciona. “Almejo vê-la definitivamente bem relacionada e para isso é aconselhável que tenha o mínimo possível de amizades estranhas, de classe inferior” (AUSTEN, 2015b, p.325). Emma também adverte sobre a importância do autodomínio, tão recomendado por Smith. “Minha querida Harriet, (...) irá, inadequadamente, trair seus sentimentos se ficar muito nervosa e sagaz” (AUSTEN, 2015b, p.356). A protagonista segue à risca as regras de etiqueta, mesmo quando as desagradam, por isso “não poderia ficar satisfeita até que oferecesse um jantar em Hartfield em homenagem aos Elton. Não poderia fazer menos do que os demais, ou ficaria exposta a suspeitas odiosas e imaginariam que ela seria capaz de um lamentável ressentimento” (AUSTEN, 2015b, p.488). Este zelo com as aparências na sociedade era brutal, mesmo entre irmãos, como representado pelos irmãos Knightley: “Cumprimentaram-se no estilo inglês mais requintado, mostrando uma calma que mais parecia indiferença quando, na verdade, tinham um grande afeto entre si” (AUSTEN, 2015b, p.370).

O constante amor de Harriet Smith pelo sr. Martin sempre foi motivo de assombro para Emma Woodhouse. O sr. Martin era um jovem fazendeiro com modos brutos e vulgares, de condição inferior, enquanto Harriet era a filha de um cavalheiro, mesmo que bastarda. Essa reação de desgosto de Emma ante aos sentimentos amorosos de Harriet originam-se “quando, colocando-se no lugar dela, descobre que [suas paixões] não coincidem com o que sente, e necessariamente lhe parecem injustas e impróprias, inadequadas às causas que as suscitam” (SMITH, 1999, p.15). A falta de simpatia ocorre porque Emma estava acostumada a andar com cavalheiros e lhe parece inconcebível a possibilidade de se apaixonar pelo reles sr. Martin. Desta forma, a heroína procura indicar a diferença entre os dois tipos de homens para Harriet. “Você teve (...) a oportunidade de estar na presença de verdadeiros cavalheiros e deve ter ficado impressionada com a diferença entre eles

e o sr. Martin” (AUSTEN, 2015b, p.326). Smith e Austen efetivamente ecoam um ao outro neste ponto. “Suas feições, seus modos, sua postura, tudo marca o elegante e gracioso senso de sua superioridade, que os nascidos para posições inferiores dificilmente alcançarão” (SMITH, 1999, p.64). “Compare o modo como se portam, como caminham, falam, e até mesmo quando estão em silêncio. Você notará a diferença” (AUSTEN, 2015b, p.326). “Essas artes, sustentadas pela distinção e preeminência, são suficientes, em ocasiões comuns, para governar o mundo” (SMITH, 1999, p.65).

Em uma sociedade tão regida pela discrição e dissimulação, “a franqueza e a sinceridade conquistam a confiança. Confiamos no homem que parece disposto a confiar em nós” (SMITH, 1999, p.422) e valorizamos sua amizade. A verdade é que “todos desejamos sentir como o outro é afetado, penetrar no peito do outro, e observar os sentimentos e afetos que realmente ali subsistem” (SMITH, 1999, p.422). “Ao contrário, reserva e sigilo provocam desconfiança”, pois “o grande prazer do convívio e da sociedade surge de certa correspondência entre sentimentos e opiniões” (SMITH, 1999, p.422), surgida apenas quando há liberdade de comunicação e de expressão. “O homem que se furta à nossas perguntas mais inocentes (...) parece construir, por assim dizer, um muro em torno de seu peito” (SMITH, 1999, p.423). Ao referir-se à Jane Fairfax, Emma Woodhouse acreditava que “jamais conseguiria ser amiga de alguém tão reservada como ela” (AUSTEN, 2015b, p.433). A srta. Fairfax foi um grande motivo de frustração para Emma, pois tinha tudo para ser sua grande amiga por ser da mesma idade e ter recebido um alto grau de educação, contudo Emma “não poderia ser sua amiga, não sabia o motivo, mas percebia em Jane uma frieza e uma reserva... uma aparente indiferença para gostar ou não gostar” (AUSTEN, 2015b, p.409). A discrição de Jane irritava Emma, porque “a moça era a pior de todas elas, tão fria, tão cautelosa! Não era possível saber sua real e verdadeira opinião sobre qualquer assunto (...). Era desagradavelmente reservada” (AUSTEN, 2015b, p.410-411).

Smith proclama que “assim como amar a nosso próximo do mesmo modo que amamos a nós mesmos constitui a grande lei do Cristianismo, também é o grande preceito da natureza amarmos a nós mesmos apenas como amamos a nosso próximo, ou, o que é o mesmo, como nosso próximo é capaz de nos amar” (SMITH, 1999, p.26). Chamberlain (2014) alega ser possível, ao ouvir atentamente, perceber um leve eco da filosofia do sr. Bennet, de *Orgulho e preconceito*: “Pois de que serve

a vida, se não para sermos enganados pelos vizinhos e depois rirmos deles por nossa vez?” (AUSTEN, 2015a, p.453).

Em *Orgulho e Preconceito*, o grande mote da obra é a defesa de um casamento por amor. Logo no início é apresentado o terrível casamento entre o sr. e a sra. Bennet, união motivada pelo dinheiro dele e pela beleza dela. A ausência de um afeto verdadeiro resultou em constante discórdia. “Como nos faz mal entrar numa casa em que a contenda hostil lança uma metade dos que nela vivem contra a outra” (SMITH, 1999, p.45).

Ao que seu primo, o sr. Collins, propõe para Elizabeth Bennet, o sr. Bennet protege o direito de recusa da filha, indo de encontro aos desejos de sua esposa. “Sua mãe nunca mais olhará para você se você *não* se casar com o sr. Collins, e eu nunca mais olharei para você se você *se casar com ele*” (AUSTEN, 2015a, p.304). Ao sofrer de arrependimento pelo casamento sem amor, o sr. Bennet não quer que sua filha cometa o mesmo erro, mesmo que isto resulte em consequências financeiras. “Se conforme acredito, a maior parte da felicidade humana surge da consciência de ser amado, essas súbitas mudanças na fortuna raramente contribuem muito para a felicidade” (SMITH, 1999, p.48). Elizabeth não consegue gostar de sr. Collins pelo seu comportamento espalhafatoso, evidente através de discursos exagerados e ar pomposo, oriundo da tentativa de imitar uma pessoa de condição social superior. O sr. Collins é o janota anunciado por Smith e previsto por Austen. Observe “os modos perfeitos, decididos e dominantes do sr. Knightley, e, embora isso lhe caia muito bem, se algum jovem resolvesse imitá-lo seria um completo desastre” (AUSTEN, 2015b, p.327). “O janota, que imita suas maneiras e afeta eminência por causa da superior conveniência de seu comportamento habitual, é recompensado com dupla dose de desdém por sua presunção e loucura” (SMITH, 1999, p.66).

A casa onde reside a família Bennet será herdada pelo sr. Collins com a morte do sr. Bennet, por isso a necessidade de uma das filhas casar-se com ele para que não se expulsasse a família do local ante a transferência de posse. Após a recusa de Elizabeth, porém, o sr. Collins acaba casando com sua amiga Charlotte Lucas. A ameaça de expulsão é oficializada e a família Bennet passa a nutrir grande ressentimento pela família Lucas, que por sua vez fica extasiada com a novidade e com a perspectiva de obter uma nova propriedade. Este ressentimento é compreensível, porque “se não participamos inteiramente da alegria de um outro, se

nem mesmo somos capazes de acompanhá-la, não sentimos por ela aquela espécie de consideração e de solidariedade”, e o outro pode tornar-se “objeto de nosso desprezo e indignação” (SMITH, 1999, p.52).

Ao final do livro, a tia do sr. Darcy, *Lady Catherine*, procura convencer Elizabeth Bennet a não se casar com ele. A felicidade de *Lady Catherine* viria de casar seu sobrinho com a prima, mas seus planos estavam prestes a serem “destruídos por uma mocinha de nascimento inferior, sem nenhuma importância no mundo” (AUSTEN, 2015a, p.448). Seus argumentos sobre a inferioridade do berço e da condição social de Elizabeth para convencê-la da impropriedade daquela união acabam causando a ira da jovem, pois “Vossa senhoria ofendeu-me de todas as maneiras possíveis” (AUSTEN, 2015a, p.449). *Lady Catherine* falhou ao não ter simpatia com os sentimentos de Elizabeth, assumindo que a jovem agiria de acordo com os seus desejos, pois “os grandes nunca consideram seus inferiores como criaturas iguais” (SMITH, 1999, p.67). Como retaliação, Elizabeth declara estar “decidida a agir da maneira que mais me pareça convir à minha felicidade, sem ter de prestar contas a Vossa senhoria” (AUSTEN, 2015a, p.450), assumindo sua disposição de casar com o sr. Darcy. “O ressentimento apropriado pela injustiça que se tentou cometer ou que realmente se cometeu é o único motivo que, aos olhos do espectador imparcial, pode justificar que prejudiquemos ou perturbemos em qualquer aspecto a felicidade do nosso próximo” (SMITH, 1999, p.273).

A ganância, para os utilitaristas modernos, é perigosa porque prioriza o indivíduo sobre a sociedade, incentivando a concentração de riqueza e a desigualdade. A visão de Smith sobre a riqueza e a virtude é diametralmente oposta, de acordo com seu posicionamento liberal. A aquisição de riqueza é muito mais vantajosa ao mundo ao seu redor que ao indivíduo (CHAMBERLAIN, 2014). Para demonstrar isso, Smith faz uma alegoria com “o filho do homem pobre, a quem o céu, na sua ira, castigou com a ambição” (SMITH, 1999, p. 221). É uma pessoa que sonha com o conforto e a felicidade que a riqueza lhe proporcionaria, e então trabalha a vida inteira para obtê-la, em um dos melhores exemplos de ironia econômica do século XVIII. “Durante toda a sua vida, persegue a ideia de certo repouso artificial e elegante, que talvez jamais alcance, e pelo qual sacrifica uma tranquilidade verdadeira que a todo o tempo está a seu dispor” (SMITH, 1999, p.222). Smith, todavia, considera benéfica essa busca permanente, pois é apenas a ilusão de que é melhor ser rico que movimentar a indústria humana. “É o que

primeiro os incitou a cultivar o solo, a construir casas, a fundar cidades e estados e a inventar e a aperfeiçoar todas as ciências e artes” (SMITH, 1999, p.225). Os ricos, ao ficarem mais ricos, ferem a si mesmos e ajudam aos outros.

Essa atitude ambivalente em relação ao dinheiro era comum na sociedade de Austen. Este argumento sobre o relacionamento entre a riqueza e a virtude - a forma lamentável em que buscamos aquilo que já possuímos, com grandes danos morais e mentais - se manifesta em suas obras. *Razão e sensibilidade*, efetivamente, é um dos livros que mais aborda essa ambiguidade ao apresentar um panorama sobre a busca por riqueza que é impossível de entender sem um conhecimento básico de economia.

Elinor Dashwood denota que o prestígio que a família de Edward Ferrars, seu interesse romântico, quer que ele busque tem pouco a ver com felicidade. Agora, “a riqueza tem muito a ver com felicidade” (AUSTEN, 2015a, p.61). Sua irmã Marianne a recrimina, pois “o dinheiro só pode trazer felicidade onde não haja mais nada que a traga. Além da abastança, ele não pode proporcionar uma satisfação real” (AUSTEN, 2015a, p.61), quase citando Smith em sua declaração de que a riqueza “não pode lhe proporcionar uma satisfação verdadeira” (SMITH, 1999, p.224). A graça é que o padrão de vida ideal de Marianne é de duas mil libras esterlinas ao ano, o dobro do ideal de sua irmã. Ela descreve que “uma criadagem decente, uma carruagem, talvez duas, e animais de caça não podem ser mantidos com menos” (AUSTEN, 2015a, p.61). Marianne, na verdade, estava pensando em como seria sua vida ideal após casar-se com um interesse romântico em específico, o caçador John Willoughby. Ela se apaixonou pelo jovem porque ele simpatiza com ela, dado que seus “sentimentos raramente são compartilhados ou compreendidos. Mas as vezes o são” (AUSTEN, 2015b, p.59).

Marianne Dashwood infelizmente não consegue seu caçador. Sua tentativa de unir o dinheiro e a felicidade ao obter um jovem e lindo pretendente fracassa. Ironicamente, Marianne consegue suas duas mil libras ao ano ao se casar com o coronel Brandon ao fim do romance. As dificuldades por quais ela passa antes disso são comparáveis às do filho do homem pobre da analogia de Smith. Ao que o sr. Willoughby termina o relacionamento com a mesma, Marianne passa várias horas do seu dia escrevendo-lhe na esperança de reatar seu namoro e nesta tarefa consome toda sua energia a ponto de ficar doente. Desta forma, Marianne sacrifica a tranquilidade que sempre esteve em seu poder (CHAMBERLAIN, 2014).

Elinor, por sua vez, também passa por um grande sofrimento ao que Lucy Steele conta-lhe em confiança que está noiva do seu interesse romântico, Edward. Para não preocupar sua família com a notícia, Elinor Dashwood se autocontrola para esconder sua dor de todos, sendo alvo de admiração de sua irmã quando é descoberta. “O homem que, diante das maiores calamidades, é capaz de controlar seu sofrimento parece digno da mais elevada admiração” (SMITH, 1999, p.53). O noivado, na verdade, fora firmado impulsivamente por Edward, cujo arrependimento é descrito em *Emma*: “Quantos homens já se comprometeram sem conhecer direito uma moça e depois lamentaram isso pelo resto da vida!” (AUSTEN, 2015b, p. 542). É seu dever, entretanto, seguir em frente com o mesmo, pois “embora pelas razões mais necessárias, nunca se violam tais promessas sem incorrer em algum grau de desonra” (SMITH, 1999, p.415) e ao estar disposto a se casar, “Elinor orgulhou-se de sua integridade, e Marianne perdoou todas as suas ofensas, de pena da sua punição” (AUSTEN, 2015b, p.165).

O sr. Willoughby nutria um afeto verdadeiro por Marianne, mas ele também foi punido com ambição e ao sinal de falência preferiu casar-se com a rica srta. Grey. “Meu amor por Marianne, minha plena convicção de seu amor por mim... tudo isso foi insuficiente para superar aquele pavor da pobreza ou para vencer aquelas falsas ideias sobre a necessidade da riqueza” (AUSTEN, 2015a, p.198). No entanto, como Adam Smith proferiu, “embora possam ter a sorte de alcançar a desejada grandeza, sempre se decepcionam miseravelmente com a felicidade que acreditam saborear nela” (SMITH, 1999, p.76) e seu casamento “parecia ter-se tornado para ele uma fonte de infelicidade de natureza incurável” (AUSTEN, 2015a, p.203). Ao casar tendo o dinheiro como única motivação, “a honra de sua elevada posição aparece tanto a seus próprios olhos quanto aos das outras pessoas, corrompida e maculada pela baixaza dos meios pelos quais ascendeu até ela” (SMITH, 1999, p.76). Logo, quando Marianne contrai uma doença séria, ele corre para vê-la e pedir desculpas pelos seus erros. Elinor interrompe-o e o sr. Willoughby aproveita a oportunidade para confessar a ela seu amor pela irmã, suas más escolhas e seu arrependimento, pois “essa lembrança nunca deixará de persegui-lo” (SMITH, 1999, p.77). A verdade é que “os homens naturalmente anseiam por retirar o fardo do que oprime seus pensamentos, revelar a agonia de seu espírito a alguém em cujo sigilo e discrição possam confiar”, porque “serena-os (...) que por mais censurável que seja sua conduta passada, ao menos sua presente disposição é aprovada” (SMITH, 1999,

p.417). Sua confissão é recompensada quando, através de simpatia para entender seus sentimentos, “Elinor garantiu que sim, o perdoava” (AUSTEN, 2015b, p.203).

O sr. Willoughby não é o único antagonista de Austen que busca por fortuna, propondo-se até a se casar para atingi-la. A srta. Lucy Steele, anteriormente citada, não possui dotes e convence o ingênuo Edward Ferrars a noivá-la, apenas para casar com seu irmão mais velho quando o primeiro é deserdado. Em *A abadia de Northanger*, Isabella Thorpe fala a Catherine Morland sobre seu desdém pelo dinheiro logo antes de descartar James Morland em favor do mais rico Frederick Tilney. Em *Persuasão*, há um conflito em que a srta. Clay busca seduzir o *Sir Walter*, conquanto o sr. Elliot procura frustrar seus planos para garantir que o *Sir Walter* não tenha herdeiros homens, caso em que perderia sua herança, terminando por se envolver romanticamente com a mesma para afastá-la de seu objetivo. Em *Emma*, o sr. Elton, logo depois de ser rejeitado pela protagonista, “não se rebaixara... tinha conseguido uma esposa de dez mil libras ou mais” (AUSTEN, 2015b, p.419), em um casamento apressado. “Ele conseguira tudo, fortuna e afeto, e era exatamente o homem feliz que sempre sonhou em ser” (AUSTEN, 2015b, p.419), ao menos no primeiro momento.

Por que era tão importante para estas personagens a posse de riquezas? Não era apenas um ideal de conforto que as movia nem a compra de bens materiais, mas sim “ser notado, servido, tratado com simpatia, complacência e aprovação (...). É a vaidade, não o bem-estar ou prazer que nos interessa. Mas a vaidade sempre se funda sobre a crença de que somos objeto de atenção e aprovação” (SMITH, 1999, p.60). “É porque os homens estão dispostos a simpatizar mais com a nossa alegria do que com a nossa dor que exibimos nossa riqueza e escondemos nossa pobreza” (SMITH, 1999, p.59). Tudo que as pessoas querem é serem vistos e respeitados e terem seus sentimentos reconhecidos, e a riqueza é um meio para tal. A prudência é recomendada por Smith para “conservar as vantagens que já possuímos” (SMITH, 1999, p.265).

“Sobre essa disposição da humanidade a partilhar de todas as paixões dos ricos e poderosos fundamenta-se a distinção social e a ordem da sociedade” (SMITH, 1999, p.62), não obstante essa admiração também implica em “desprezar ou pelo menos negligenciar pessoas de condição pobre ou mesquinha (...) e é ao mesmo tempo a grande e mais universal causa de corrupção de nossos sentimentos morais” (SMITH, 1999, p.72). A conduta do sr. Willoughby é compreensível ao ver-se



em estado de falência, dado que “é a perda desse fácil domínio sobre os afetos dos homens que torna tão insuportável a queda da grandeza” (SMITH, 1999, p.68). Ao longo da obra de Austen, critica-se o comportamento destes supostos antagonistas, porém ao ter simpatia com seus pontos de vista percebe-se que é “a fortuna, que governa o mundo, (...) e governa, em certa medida, os sentimentos dos homens quanto ao caráter e conduta deles próprios e de outros” (SMITH, 1999, p.130).

Talvez estes antagonistas estivessem certos em suas tentativas de obter admiração e fortuna, mas Emma Woodhouse recriminaria seus meios, como o fez em relação ao sr. Elton: “Não teve nenhuma dificuldade para não lamentar por ele, que só queria enriquecer” (AUSTEN, 2015b, p.392). Emma, contudo, concordaria com as motivações destes antagonistas. As pessoas ricas sempre são respeitadas em seu ver. Ao justificar sua intenção de nunca se casar, ela pede à Harriet Smith que não se preocupe com ela, pois “é a pobreza que torna o celibato desprezível” (AUSTEN, 2015b, p.361). Ao contrário, “uma mulher solteira com boa fortuna é sempre respeitada, sensível e gentil, tanto quanto os demais do seu nível” (AUSTEN, 2015b, p.361). Para Emma, a riqueza concede todas as virtudes e ameniza todas as ofensas. Ao comentar sobre a vulgaridade dos modos do sr. Martin, ela prediz que “com o tempo, será um homem rico e nós não temos com que nos preocupar se for iletrado e grosseiro” (AUSTEN, 2015b, p.327). Emma, todavia, tem suas preferências bem alinhadas e “preferia ser feliz a estar com razão” (AUSTEN, 2015b, p.469), “colocando sua felicidade no afeto e na utilidade da vida doméstica” (AUSTEN, 2015b, p.608). Afinal, “os prazeres dos quais nos propomos extrair nossa verdadeira felicidade são quase sempre iguais aos que, em nossa humilde posição real, temos todo o tempo à mão e em nosso poder” (SMITH, 1999, p.181).

Afinal, como deve ser tratada a riqueza? Smith não fornece uma resposta definitiva, encorajando seus leitores a terem uma visão “complexa” da riqueza. Sem a ilusão inicial de Marianne não haveria história e a literatura é gerada, no fim, pelo fracasso de alguém em reconhecer a ilusão da natureza, como Adam Smith prometeu (CHAMBERLAIN, 2014). Toda a obra de Austen envolve-se profundamente com preceitos econômicos de sua época, refletindo muitos elementos de *A teoria dos sentimentos morais* e proporcionando conteúdos ambíguos que promovem diversas interpretações. Este é um caso em que a

literatura se relaciona à ética econômica, trazendo a discussão para um cenário mais familiar: o romance.

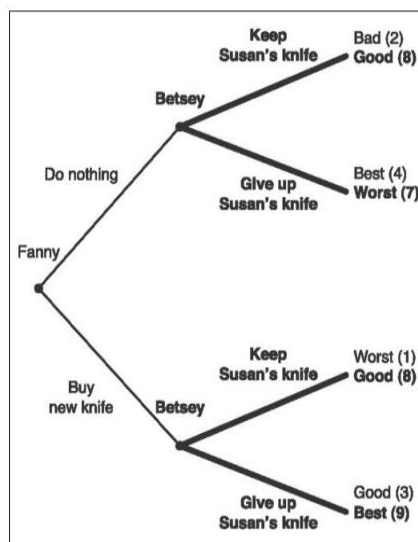
#### 4. JANE AUSTEN E A TEORIA DOS JOGOS

A ligação entre Jane Austen e economia já foi reconhecida por diversos pesquisadores, e qualquer leitor leigo reconhecerá a importância do dinheiro em seus romances. O que ainda não havia sido tratado, entretanto, é sua ligação com a teoria dos jogos, ramo incorporado pelas ciências econômicas apenas décadas depois de sua criação. No livro *Jane Austen, game theorist* (Jane Austen, teórica de jogos, em tradução nossa) de 2013, Michael Suk-Young Chwe apresenta diversos trechos dos livros de Austen que atestam conceitos, fundamentos e aplicações da teoria dos jogos. Segundo ele, “Austen conscientemente pretendeu teorizar o pensamento estratégico em seus romances” (CHWE, 2013, p.7, tradução nossa). No contexto de teoria dos jogos, o pensamento estratégico significa pensar em como as pessoas reagirão ao seu curso de ação antes de escolhê-lo, e é por isso que as obras de Austen contêm tantas estratégias, conspirações e manipulações racionais.

A teoria dos jogos é sobre pensar estrategicamente, fazendo decisões conscientes baseadas em antecipar o que a outra pessoa responderá à sua decisão e trazendo outra forma de visualização de problemas. Ela advém da teoria utilitarista, a ciência matemática do bem-estar, pela qual os prazeres (e sofrimentos) são quantificados como utilidade e o propósito do indivíduo é obter o máximo de felicidade a cada ação realizada. Formalmente, economistas costumam utilizar uma matriz que mostra os jogadores, suas alternativas e o quanto de utilidade receberão por cada decisão. Neste caso, os dois jogadores atuam simultaneamente e sem conhecer a ação dos outros. Essa é a forma normal, também havendo a forma extensiva com várias decisões, onde a ordem importa. Essa segunda forma é representada por uma árvore, onde cada vértice é um ponto de decisão. É importante reiterar que os números dados por utilidade não são importantes no seu valor absoluto, mas no seu valor relativo: se são maiores ou menores que os outros, assim indicando qual a ordem de preferência do jogador, que tem a meta de maximizar sua utilidade.

Um exemplo de teoria dos jogos em Jane Austen é uma situação de *Mansfield Park*, representada na figura abaixo. Fanny Price tem duas irmãs, Susan e Betsey. Susan ganhou uma faca de sua falecida irmã Mary, com grande valor sentimental para si, mas sua irmã caçula Betsey vive pegando-a, gerando frequente conflito entre as duas. Se Fanny não intervier, Betsey preferirá manter a faca consigo (8) do que devolvê-la (7); se Fanny comprar uma nova faca para Betsey, agora manter a faca de Susan (8) tem uma utilidade menor para a irmã do que devolver a faca para ficar com a nova (9). Para melhor compreensibilidade, a figura abaixo apresenta a utilidade de Betsey em negrito, e a de Fanny em letra normal. Agora, considerando as preferências de Fanny, a melhor situação seria não fazer nada e Betsey devolver a faca (4), mas seria ruim se Betsey não devolvesse (2), pois o conflito continuaria. Caso Fanny decida comprar uma nova faca, a pior situação seria Betsey manter a faca de Susan (1), pois terá desperdiçado seu dinheiro, mas ela ficaria feliz caso Betsey concordasse em ficar com a nova faca e devolvesse a de Susan (3). Nota-se que Fanny precisa decidir seu curso de ação sem saber qual será a decisão de Betsey, mas utilizando-se de pensamento estratégico para antecipar as escolhas de sua irmã - tendo consciência de que ela preferirá uma nova faca a uma faca antiga, e considerando que ela está disposta a comprar uma nova faca para parar o conflito, Fanny fará a melhor escolha. Logo, o resultado final desta árvore de jogos será que Fanny comprará uma nova faca e Betsey a aceitará, devolvendo a faca de Susan (CHWE, 2013).

Figura 1: Conflito da faca



Fonte: CHWE (2013)

Os livros de Austen exprimem inúmeras conexões com a teoria dos jogos, como uma ênfase na importância da escolha individual, baseada em seus custos e benefícios, em como ela é realizada e em como as pessoas antecipam as escolhas dos outros. Austen também procura diferenciar entre pensamento estratégico, egoísmo e economicismo, demonstrando sua intencionalidade. Isto é mais obviamente evidenciado na escolha do cônjuge, pois seus livros têm como grande tema o casamento, mas similarmente em outras decisões. A escolha individual é como os economistas explicam o comportamento humano (CHWE, 2013).

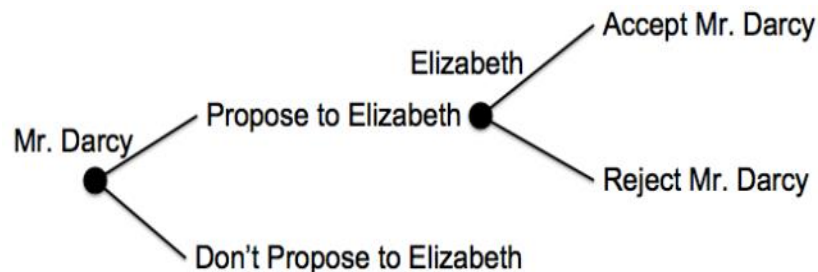
O “poder da escolha” é uma obsessão para Austen, que declara ser “muito melhor escolher do que ser escolhido” (AUSTEN, 2015b, p.315). Em *Mansfield Park*, Fanny Price heroicamente recusa a proposta de casamento do rico Henry Crawford, apesar de toda a pressão de sua família para que a aceite. Ela diz ao seu tio *sir* Thomas que é apenas sua escolha: “Eu não gosto dele, senhor, o bastante para me casar” (AUSTEN, 2015b, p.202). Em *Emma*, a protagonista de mesmo nome “queria ter o poder da recusa” (AUSTEN, 2015b, p.435) em relação a um convite para jantar que não recebera, mas que não tinha interesse em aceitar pela posição social inferior da família anfitriã. No mesmo livro, Jane Fairfax retoma sua autonomia ao declarar que está “decidida a não deixar que ninguém tome decisões por mim no momento” (AUSTEN, 2015b, p.496). Outro exemplo é de *Razão e sensibilidade*. A família de Edward Ferrars planeja que ele se case com a rica srta. Morton; após ele ser deserdado, entretanto, decidem que ela deverá casar-se com o irmão, Robert Ferrars. Elinor Dashwood retruca, ironicamente, “pelo que vejo, a mulher não tem voz no capítulo” (AUSTEN, 2015a, p.181), ou no original, em inglês, “the lady, I suppose, has no choice in the affair”. Elinor acredita que o casamento deva ser uma questão de escolha - a escolha da mulher.

Os homens de Austen acreditam que a escolha é somente deles. Comentando sobre a recusa de Harriet em se casar com Robert Martin, Emma Woodhouse diz que “é quase impossível para um homem acreditar que uma mulher possa recusar uma proposta de casamento. Os homens sempre pensam que as mulheres estão dispostas a aceitar qualquer proposta, de quem quer que seja e a qualquer momento” (AUSTEN, 2015b, p.344). A mesma situação ocorre com o sr. Darcy, de *Orgulho e Preconceito*, que em seu orgulho “não tinha nenhuma dúvida de receber uma resposta favorável” de Elizabeth Bennet, por mais insultante à sua família e à sua condição social que tenha sido em sua proposta de casamento. Ele é

enfaticamente recusado: “É natural que se sinta gratidão, e, se eu *pudesse* senti-la, lhe agradeceria. Mas não posso... Nunca desejei sua afeição e o senhor com certeza a concedeu muito contra a vontade” (AUSTEN, 2015a, p.350).

Afinal, como destaca Henry Tilney, em *A abadía de Northanger*, apesar dos homens terem “a vantagem da escolha”, as mulheres têm o derradeiro “poder de recusar” (AUSTEN, 2015b, p.660). Emma comenta que “uma mulher não deve casar-se com um homem apenas porque ele lhe fez o pedido, ou porque ele está apaixonado por ela” (AUSTEN, 2015b, p.340) e Fanny também reflete que era “infeliz, imperdoável, desesperador e perverso casar sem afeição” (AUSTEN, 2015b, p.208). As protagonistas desejam realizar suas próprias escolhas, de acordo com as suas preferências, e elas entendem demasiado sobre casamentos para aceitar tal contrato duradouro ao suspeitar que o pretendente “não seja realmente importante para a sua felicidade” (AUSTEN, 2015b, p.471).

**Figura 2: Proposta de casamento**



Fonte: CHWE (2013)

Essa autonomia feminina ao dizer “não” é de difícil compreensão para diversos homens austenianos. O sr. Collins é implacável em desconsiderar as recusas de Elizabeth Bennet à sua proposta de casamento, pois é de seu entendimento que “as moçoilas costumam rejeitar os avanços do homem que secretamente pretendem aceitar”. Elizabeth contesta que “sua esperança é realmente extraordinária depois do que eu disse. Eu lhe garanto que não sou uma dessas moçoilas (se é que elas existem) (...) Estou sendo seríssima em minha recusa” (AUSTEN, 2015a, p.301). A mesma situação ocorre após a inconveniente proposta de Henry Crawford para Fanny Price em *Mansfield Park*, sendo até encorajado pela família da moça a continuar a corte apesar das veementes recusas: “Disse-lhe que não o amava, não podia amá-lo, tinha certeza de que jamais o amaria” (AUSTEN, 2015b, p.210). Henry perseverou, pois “tinha uma vaidade que o

levava decidido (...) a pensar que ela, de fato, o amava, embora talvez ainda não o soubesse”, e se ainda não o amasse, “um amor assim, num homem como ele, com certeza seria retribuído e não a muito longo prazo” (AUSTEN, 2015b, p.209).

Em realidade, a própria origem do amor de Henry Crawford advém da aparente inabilidade de Fanny em realizar escolhas, da sua docilidade, ao vê-la ajudando *Lady Bertram* “com tão autêntica gentileza, como se fosse a coisa mais natural não ter um único momento sobre seu próprio comando” (AUSTEN, 2015b, p.192). Isto vai de acordo com os comentários sobre a preferência masculina na escolha de uma esposa, segundo os quais os homens pensam que “beleza e temperamento são os maiores atributos que uma mulher pode ter” (AUSTEN, 2015b, p.346) e que “a imbecilidade aumenta em muito os encantos pessoais femininos” (AUSTEN, 2015b, p. 681).

Um aspecto essencial para a teoria econômica utilitarista é a noção de utilidade. Quando uma pessoa escolhe dentre diversas alternativas, essa decisão é modelada pelos economistas ao atribuir um número correspondente à sua utilidade a cada alternativa. Austen continuamente utiliza comensurabilidade em seus romances, reduzindo os vários aspectos contidos em uma alternativa a uma única sensação ou número que quantifica seus sentimentos (CHWE, 2013). Em *Orgulho e preconceito*, quando sua irmã Lydia foge com o sr. Wickham sem estarem casados, Elizabeth Bennet teme que a opinião de seu interesse amoroso, o sr. Darcy, sobre sua família diminua ainda mais e acredita que “se nunca tivesse conhecido Darcy, teria suportado bem melhor o horror da infâmia de Lydia. Isso teria lhe poupado, acreditava ela, uma noite de insônia em cada duas” (AUSTEN, 2015a, p.413). O horror pode ser mensurado em noites de insônia (CHWE, 2013). Em *Mansfield Park*, Fanny Price recebe uma corrente e uma declaração de afeto fraternal de Edmund Bertram, pelo qual ela secretamente nutria um amor unilateral. “Diante de tais expressões de afeto, Fanny poderia permanecer uma hora sem dizer uma palavra” (AUSTEN, 2015b, p.170). A felicidade pode ser mensurada em horas sem falar. Em outro momento, Fanny Price deseja que Henry Crawford desista de lhe fazer a corte e acredita que “um firme e incessante desencorajamento da parte dela, com o correr do tempo, poria um fim àquela obsessão. Quanto tempo destinar, em sua própria fantasia, a tal rejeição era outro assunto. Não ficaria bem perguntar a exata estimativa que uma mulher faz de seus encantos” (AUSTEN, 2015b, p.212). Logo, o

tempo necessário para ele se desapaixonar por ela equivaleria ao tamanho de seus encantos; quanto maiores estes fossem, mais demoraria para a paixão acabar.

Nem sempre a comensurabilidade é possível, mais a comparação ainda se faz. Em *Mansfield Park*, ao reencontrar Mary Crawford, Edmund Bertram surpreende-se ao “receber uma acolhida de visível simpatia da mulher que, dois minutos antes, pensara encontrar-se a mais de cem quilômetros de distância, e tão longe, muito mais longe dele em termos afetivos que qualquer distância pudesse expressar” (AUSTEN, 2015b, p.214). Em *Orgulho e preconceito*, Elizabeth Bennet envergonha-se com a ignorância de seus pais e sente que “anos de felicidade não poderiam compensar para Jane ou para si mesma aqueles momentos de doloroso embaraço” (AUSTEN, 2015a, p.436). Austen logo volta atrás, entretanto, no que pode ser interpretado como uma corroboração da viabilidade da comensuração: “Mas aquele constrangimento, para o qual anos de felicidade não eram compensação suficiente, logo em seguida foi substancialmente aliviado, ao observar como a beleza de sua irmã reacendeu a admiração de seu antigo namorado” (AUSTEN, 2015a, p.437), ou seja, caso essa admiração levasse ao casamento, geraria anos de felicidade para as duas mulheres e isso aliviou seu embaraço (CHWE, 2013).

Além disso, para a realização de uma escolha é necessário pensar no seu custo de oportunidade, definido como o ganho que seria obtido caso se decidisse por determinada opção e que é perdido ao escolher-se a outra (CHWE, 2013). Avaliar o custo de oportunidade confere o poder de se fazer a melhor escolha no momento. É bem representado em *Emma*. A protagonista de mesmo nome critica a elegante Jane Fairfax por passar tanto tempo com a odiosa sra. Elton, mas é recriminada pois por menor o prazer que Jane obtenha da amizade, “é muito melhor do que ficar sempre em casa (...). Devemos considerar o que a srta. Fairfax perde antes de criticar seu bom senso pelas casas que frequenta” (AUSTEN, 2015b, p.485). Quando o sr. Weston relata a Emma que convidara a sra. Elton para seu passeio, a mesma só pode concordar com o arranjo, caso contrário ela “não poderia agir sem reprová-lo, o que deixaria a sra. Weston muito sentida” (AUSTEN, 2015b, p.529). Emma prefere tolerar um passeio com alguém que ela odeia do que magoar a amiga. Em *Persuasão*, ao encontrar os amigos do capitão Wentworth, o sr. e a sra. Harville, Anne reflete tristemente que “eles todos teriam sido meus amigos” (AUSTEN, 2015a, p.529) caso ela tivesse casado com o capitão.

Apesar de Jane Austen nunca ter declarado diretamente seu interesse em pensamento estratégico, há várias partes em seus romances que parecem ser discussões explícitas sobre aspectos de escolha e de pensamento estratégico. Segundo Chwe, são partes que não são inteiramente relevantes ao enredo e não precisariam estar nos livros, mas estão. A primeira manipulação ocorrida em *Orgulho e preconceito*, e uma das mais populares, é quando a sra. Bennet insiste para que sua filha Jane vá a cavalo visitar Netherfield, propriedade em que recentemente reside o rico e solteiro sr. Bingley. Ao ser questionada por que não usar a carruagem, a sra. Bennet retruca que irá chover, e eles terão que convidar sua filha a passar a noite lá, proporcionando-lhe mais tempo com o sr. Bingley. “Apesar de Bingley e Jane se encontrarem com razoável frequência (...) é impossível que passem o tempo inteiro juntos a conversar. Jane deve, portanto, tirar o máximo proveito de cada meia hora em que consiga tomar conta de sua atenção” (AUSTEN, 2015a, p.248). Numa época em que tudo o que uma mulher poderia ser era governanta ou casada, qualquer oportunidade de passar mais tempo com um possível pretendente era crucial. Elizabeth admite à mãe que “seu plano é bom, e nele tudo gira ao redor do desejo de conseguir um bom casamento e, se eu estivesse decidida a conquistar um marido rico, tenho certeza de que o adotaria” (AUSTEN, 2015a, p.248).

Outras manipulações similares ocorrem. Em *Mansfield Park*, a sra. Norris “atribuía a si todo o crédito por haver conseguido que a admiração do sr. Rushworth resultasse em algo concreto”, ou seja, se considerava responsável pelo casamento entre o sr. Rushworth e Maria Bertram. “Se eu não tivesse agido com presteza (...) e depois convencesse minha irmã a lhe fazer uma visita (...) nada resultaria disso” (AUSTEN, 2015b, p.124). Em *Emma*, protagonista se denomina uma casamenteira, e performa diversas estratégias para juntar seus casais. Emma assume o crédito pelo casamento entre a srta. Taylor e o sr. Weston, pois o mesmo não ocorreria se ela não “tivesse promovido as visitas do sr. Weston a essa casa, se não tivesse dado certos encorajamentos, nem amenizado certas dificuldades” (AUSTEN, 2015b, p.313). Ao procurar juntar Harriet Smith e o sr. Elton, suas manipulações são ainda mais explícitas. Primeiro, ela persuade Harriet a recusar a proposta do fazendeiro Robert Martin: “Se uma mulher tem dúvida se aceita ou não um pedido de casamento, certamente deve recusá-lo” (AUSTEN, 2015b, p.338); sendo descoberta pelo sr. Knightley: “Você viu a resposta de Harriet! Certamente, escreveu-a também.



Emma, isso é coisa sua. Conseguiu convencê-la a recusar o rapaz!” (AUSTEN, 2015b, p.344). Depois, ela convida Harriet a visitar uma família pobre e doente, por caridade, cujo caminho “era também o caminho para a abençoada moradia do sr. Elton” (AUSTEN, 2015b, p.360). Como planejado, o sr. Elton as vê e se junta ao seu grupo, quando Emma tenta deixá-los a sós: “Ansiosa por separar-se deles assim que possível, ela tomou um desvio, à margem do caminho principal”; “tratou de ficar parada, fingindo amarrar os laços da bota, e pediu-lhes para seguir em frente sem ela”; “teve a sorte de precisar parar mais uma vez, por causa de uma criança que morava no chalé”; e Emma “já pensava em outra ideia para se atrasar um pouco mais, quando os dois olharam para trás e ela foi obrigada a se juntar a eles” (AUSTEN, 2015b, p.363). Diversas estratégias casamenteiras percorrem a trama, com diferentes níveis de sutileza. Relembrando o passado, as duas mulheres se recordam de outra situação, na qual o sr. Elton cortou seu dedo e Emma mente que não tinha o emplastro para oferecê-lo, pedindo a Harriet que fizesse essa gentileza. Emma se recrimina: “E eu tinha bastante dentro do bolso! Meu erro! Um dos meus truques mais estúpidos” (AUSTEN, 2015b, p.519).

Chwe (2013) também discorre sobre uma série de explicações alternativas para a realização de escolhas - emoções, instinto, hábitos, regras, fatores sociais, ideologia, intoxicação (estar fora de si), restrições de circunstâncias - alegando mostrar que Austen as rejeita como possíveis origens de ações. Não que Austen acreditasse que as pessoas nunca agiam por hábito, instinto ou emoção súbita, mas que acreditava que elas não deveriam. À vista disso, a autora critica ações performadas sem pensamento prévio, quando as personagens se entregam aos seus instintos. Em *Razão e sensibilidade*, é um tema recorrente para a sensível Marianne, que age de acordo com seu coração e é penalizada por isso. “Fiquei muito à vontade, fui alegre e franca demais. Pequei contra toda noção corriqueira de decoro” (AUSTEN, 2015a, p.35). Em *Emma*, a tagarela srta. Bates abre margem para ser caçoada, e “Emma não conseguiu resistir” (AUSTEN, 2015b, p.540). Sua ação impensada é duramente criticada pelo sr. Knightley: “Como pôde ter sido tão cruel com a srta. Bates?”, trazendo grande sofrimento para a moça: “Em toda a sua vida, Emma nunca se sentira tão agitada, envergonhada e entristecida” (AUSTEN, 2015b, p.544). A protagonista sabe o quão importante é se controlar para manter as aparências em sociedade, sendo este um caso isolado. Anteriormente, ela havia aconselhado sua amiga Harriet quando a mesma ainda não superara sua paixão

pelo sr. Elton, dizendo-lhe que “pense menos e fale menos sobre o sr. Elton apenas para o seu próprio bem” e que “desejo que adquira o hábito de controlar a si mesma, algo que precisa considerar seu dever, uma preocupação por sua própria dignidade, uma necessidade de evitar as suspeitas dos outros” (AUSTEN, 2015b, p.474).

Em *Emma*, a mesma costuma ser muito boa em autocontrole. Quando lida com um convite indelicado e intromissivo da sra. Elton, “Emma conseguiu conter-se, evitou qualquer repreensão e apenas agradeceu a sra. Elton friamente (...). E assim, para evitar alguma indignação ou revolta, mudou de assunto rapidamente” (AUSTEN, 2015b, p.479). Ao descobrir o verdadeiro objeto de afeto de Harriet, “seu espírito não poderia estar mais perturbado”, mas ela era sua amiga, portanto “abandonando suas reflexões e dominando suas emoções, olhou para a amiga e, com um tom de voz mais acolhedor, voltou a conversar” (AUSTEN, 2015b, p.564). Em uma discussão entre seu pai e John Knightley, Emma “estava decidida a dar sua opinião, porém relutou e preferiu calar. Ela deveria manter a paz a qualquer custo” (AUSTEN, 2015b, p.368). Para não menosprezar os sentimentos do pai sobre o casamento da srta. Taylor, “Emma desviou o rosto, dividida entre lágrimas e sorriso” (AUSTEN, 2015b, p.311) para lhe esconder suas emoções.

Destarte, os livros de Austen apresentam copiosas situações em que suas personagens tiram um momento para se recompor para poderem agir estrategicamente, sem permitir que acessos de emoções dominem suas condutas. Em *Mansfield Park*, Fanny Price entra em êxtase ao receber uma corrente e uma declaração de afeto de Edmund e apenas “após ordenar as ideias e reconfortar os sentimentos por essa feliz mistura de razão e fraqueza, que ela se sentiu em condição, no devido tempo, para descer e cuidar das tarefas habituais” (AUSTEN, 2015b, p.172). Ela não quer que descubram seu amor por Edmund Bertram, então mergulha em profunda reflexão “na tentativa de endurecer-se e preparar-se contra mais questionamentos. Preferia morrer a confessar a verdade e esperava que um pouco de reflexão a fortalecesse para não trair seu segredo” (AUSTEN, 2015b, p.203). No mesmo livro, a apaixonada Mary Crawford relembra à Fanny momentos com seu amado até “dar-lhe as costas por um momento para recompor-se” e desculpar-se: “Desde que entrei neste aposento, tive um pequeno arroubo de emoção (...), mas já passou” (AUSTEN, 2015b, p.230). Para as mulheres, principalmente, este é um hábito necessário, pois as consequências de suas atitudes são muito maiores que as dos homens. Mary Crawford, por exemplo, acaba

perdendo seu pretendente por seu comportamento expansivo e franco, considerado vulgar e indigno para uma moça. “Examinar tudo com tanto livre-arbítrio, tanta liberdade, tanta frieza! Sem relutância, nem horror nem timidez feminina, e eu diria até nem recatada aversão!” (AUSTEN, 2015b, p.291), grita Edmund, ao recriminar Mary Crawford e renunciar seu amor por ela.

A verdade é que era importante ser uma boa estrategista para ter uma boa reputação na sociedade e atingir seus objetivos. Emma Woodhouse é uma excelente estrategista e frequentemente precisa utilizar suas habilidades para tranquilizar seu pai e evitar conflitos ao mudar de assunto, por exemplo, além de procurar “ler” as pessoas, através de suas escolhas e linguagem corporal, e deduzir suas motivações. Ao que Frank Churchill a visitou, Emma “pôde exercer seus dons de observação e determinar com rapidez qual era a atitude que ele adotava e, portanto, como ela deveria agir” (AUSTEN, 2015b, p.504). “Ela não tinha dúvida a respeito do que o sr. Weston pensava. Percebeu, enquanto conversavam, quanto ele olhava para os dois com felicidade” (AUSTEN, 2015b, p.426), ao que Emma percebe o desejo do sr. Weston de que ela se case com seu filho, com quem conversava. O sr. Knightley critica Frank Churchill e “Emma estava prestes a discutir com ele, mas percebeu que aquelas palavras tinham sido ditas apenas para aliviar seus próprios sentimentos e não para provocar, por isso deixou-o sem resposta” (AUSTEN, 2015b, p.435). Antes do baile começar, ela encontra-se com Frank e “apesar das poucas palavras trocadas, seus olhos revelaram que ele esperava ter uma noite fabulosa” (AUSTEN, 2015b, p.506). “Ela deve ter algum motivo, mais forte do que parece, para recusar tal convite’, foi a conclusão de Emma” (AUSTEN, 2015b, p.485) ao examinar a recusa de Jane Fairfax em viajar com os Campbell para a Irlanda. O único problema de Emma é sua excessiva confiança em suas próprias habilidades - “Se eu estivesse lá, com certeza teria feito algumas descobertas” (AUSTEN, 2015b, p.442), o que a leva a conclusões erradas. Por exemplo, em determinado momento Frank levanta-se subitamente e Emma confunde seu nervosismo com amor: “Estava muito mais apaixonado por Emma, mais do que ela imaginava” (AUSTEN, 2015b, p.470). As outras pessoas compartilham dessa excessiva confiança em Emma, assumindo que a mesma já tenha conhecimento de todos os seus segredos: “‘Você desconfiava que estavam apaixonados um pelo outro?’ Perguntou Harriet. ‘Bem, acho que talvez você tenha

suspeitado disso. Você (...) que consegue enxergar o que se passa no coração de todos” (AUSTEN, 2015b, p.562).

Emma não é a única estrategista no universo de Austen, pois a maioria de suas personagens o são ou procuram ser, assim como suas protagonistas. Em *Orgulho e preconceito*, por exemplo, o sr. Bingley caçoa do debate sério entre o sr. Darcy e Elizabeth Bennet, ao que “o sr. Darcy sorriu; mas Elizabeth julgou perceber que ele se ofendera e, portanto, reprimiu o riso” (AUSTEN, 2015b, p.266). Em *Razão e sensibilidade*, Elinor Dashwood também é muito observadora. “A maneira [maldosa] como a srta. Steele falara de Edward (...) sugeria a suspeita de que ela sabia, ou imaginava saber, algo negativo sobre ele” (AUSTEN, 2015a, p.82). Elinor também consegue se manter calma numa situação que a exija, como quando Lucy revela seu noivado secreto com Edward Ferrars, pelo qual ela nutria uma paixão. “A confiança de Elinor desapareceu, mas seu autocontrole não desapareceu com ela” (AUSTEN, 2015a, p.85) e a mesma procura falar com cautela “de um modo calmo, que escondia razoavelmente a sua surpresa e preocupação” (AUSTEN, 2015a, p.84) para descobrir a veracidade do que Lucy lhe dizia.

O amor, que frequentemente em Austen surge através da gratidão, revela-se em parcerias estratégicas, sendo essa a verdadeira base para um relacionamento íntimo e sincero (CHWE, 2013). A parceria se dá quando as pessoas fazem estratégias juntas e conhecem o suficiente da outra para entenderem-se com o olhar e improvisar soluções no momento. Emma e o sr. Knightley são os melhores parceiros estratégicos, ajudando-se naturalmente desde o início do romance. Em uma conversa com seu cunhado John Knightley, o sr. Woodhouse continuamente critica a decisão deste em viajar com a família para South End, lugar que não considera saudável. “As tentativas de Emma interromper seu pai foram em vão”, mas o sr. Knightley intervém “interrompendo apressadamente a conversa” (AUSTEN, 2015b, p.374) para mudar de assunto, evitando um conflito maior. “O sr. Knightley assim demonstra não apenas sua consciência situacional e habilidades estratégicas, mas também sua conexão tácita com Emma, seu trabalho em equipe que não precisa de planejamento explícito” (CHWE, 2013, p.142, tradução nossa). Ao fim de um jantar em que se discutia quando voltariam para suas casas, “enquanto os outros ainda faziam perguntas e davam conselhos entre si, o sr. Knightley e Emma resolveram a questão em frases curtas - ‘Seu pai não vai se acalmar; por que vocês não partem agora?’ ‘Estou pronta, se os outros estiverem’

‘Devo tocar a sineta?’ ‘Sim, por favor’ (AUSTEN, 2015b, p.387). Em *Persuasão*, a parceria estratégica entre Anne Elliot e o capitão Wentworth é forjada verbalmente em meio a uma emergência médica em Lyme. Anne é a única a se manter calma quando Louisa Musgrove cai no chão e perde a consciência, dando ordens para ajudar a moça quando o capitão Wentworth pede ajuda. “‘Um cirurgião!’ disse Anne. Ele compreendeu imediatamente”; “‘É claro: carreguem-na com todo cuidado para o albergue’ ‘Para o albergue, é claro’ repetiu o capitão Wentworth” (AUSTEN, 2015a, p.537).

Em *Orgulho e preconceito*, Elizabeth e o sr. Darcy também formam uma parceria estratégica, chegando a discutir sobre como seria formada uma escolha num determinado cenário e se esta era inteligente: “Mas nos casos corriqueiros entre dois amigos, em que um deles deseja que o outro mude uma sua decisão de menor importância, será que o senhor teria má opinião da pessoa por ceder ao desejo sem esperar as razões para tanto?” (AUSTEN, 2015a, p.266). Mais tarde, quando Elizabeth recusa a proposta de casamento do sr. Darcy, ela explicita todas as suas razões para tal, dando-lhe a oportunidade de utilizá-las como instruções; assim ele é capaz de reconciliar o sr. Bingley e a Jane ao reafirmar o amor dela ao seu amigo, de acordo com o que Elizabeth lhe disse. Quando Lydia foge com o sr. Wickham, o sr. Darcy suborna a srta. Younge, sua ex-cúmplice, para descobrir a localização do casal, e depois suborna o sr. Wickham para casar com Lydia. Desta forma, “o sr. Darcy conquista Elizabeth ao demonstrar sua aptidão como parceiro estratégico” (CHWE, 2013, p.148, tradução nossa).

Quem não é capaz de pensamento estratégico é uma pessoa “clueless”, ou “sem noção”. Chwe (2013) apresenta este conceito de “cluelessness”, ou “falta de noção” em português, que seria a incapacidade de pensar estrategicamente, considerado uma inovação desenvolvida por Austen na teoria dos jogos. O termo baseia-se no filme de mesmo nome, *Clueless* (1995), conhecido no Brasil como *As patricinhas de Beverly Hills*, uma adaptação moderna de *Emma*. Segundo Chwe, há diferentes explicações para “cluelessness”, como a falta de aptidão ou prática, por exemplo. Uma origem para a “falta de noção” é explicada em *A abadía de Northanger*, quando Henry Tilney descreve a ingenuidade de Catherine Morland: “A senhora nunca pensa ‘como tal pessoa pode ser influenciada?’, ‘que tipo de persuasão pode agir mais sobre os sentimentos de tal pessoa, levando-se em conta sua idade, condição social e prováveis hábitos de vida?’”, provando que seu

problema é excesso de autorreferência, ao pensar apenas “em ‘como posso ser influenciada?’, ‘o que me persuadiria a agir assim e assado?’” (AUSTEN, 2015b, p.693). Este excesso de autorreferência aparece múltiplas vezes nos livros de Austen. Em *Emma*, o sr. Woodhouse tinha uma “incapacidade de supor que as outras pessoas poderiam pensar diferente dele” (AUSTEN, 2015b, p.309), logo “o que era prejudicial para o sr. Woodhouse ele considerava impróprio para qualquer outra pessoa e, portanto, tentava convencer a todos que qualquer bolo de casamento era nocivo” (AUSTEN, 2015b, p.317) dado seu estômago delicado.

Destaca-se, entretanto, a explicação de que a “falta de noção” advém das diferenças de status: superiores não entram na mente de inferiores. Isto ocorre, pois, “o dominante tem menos necessidade da teoria dos jogos porque, no seu ponto de vista, todos os outros já estão fazendo o que deveriam” (CHWE, 2013, p. 2, tradução nossa). Essa situação aplica-se a pessoas consideradas superiores em status, como membros da classe alta ou o homem, por exemplo. Eles não precisam utilizar o pensamento estratégico com a mesma necessidade que as mulheres e pessoas de classes inferiores, que precisam utilizar bem seus recursos e oportunidades para sobreviver. Conseqüentemente, os superiores encontram dificuldades em compreender as motivações e escolhas dos inferiores, o que pode acabar prejudicando-os. Este exemplo é evidente em *Razão e sensibilidade*, quando a rica sra. Ferrars, mãe de Edward, descobre seu noivado com a pobre Lucy Steele, deserdando-o e passando imediatamente a herança para seu irmão mais novo, Robert. A punição sai pela culatra e “a independência financeira concedida a Robert, por seu ressentimento contra você [Edward], deu a ele o poder de escolher por si mesmo” (AUSTEN, 2015a, p.224) e Robert casa-se com Lucy, num desfecho surpreendente. Em *A abadia de Northanger*, o general Tilney “julgou poder descobrir” qual era a preferência de Catherine Morland entre conhecer o interior ou exterior da abadia. “Sim, certamente lia nos olhos da srta. Morland um judicioso desejo de aproveitar o tempo favorável”, desagradando-a com sua “errônea ideia de agradar a ela” (AUSTEN, 2015b, p.720). Caso similar ocorre em *Mansfield Park*, quando Fanny tentava “repelir o sr. Crawford e evitar tanto seus olhares quanto perguntas; e ele, sem perceber a rejeição, persistia em ambas” (AUSTEN, 2015b, p.219). A vaidade de Henry Crawford é sua perdição. Mais tarde, ele seduz a casada Maria para alimentar seu próprio ego e cai “presa do poder dos sentimentos de Maria, que se revelaram muito mais fortes do que ele supusera” (AUSTEN, 2015b,

p.300), o que os propõe a fugirem juntos, efetivamente arruinando o casamento dela e qualquer possibilidade de um futuro casamento com Fanny.

“A teoria dos jogos é (...) uma das ‘armas dos fracos’ original (como visto em Scott, 1985)”. Assim, a “teoria dos jogos desenvolve-se distintamente entre os subordinados e os oprimidos, pessoas para as quais realizar exatamente o movimento estratégico certo na hora certa pode trazer enormes consequências: mulheres que podem obter maridos, e escravos que podem obter liberdade” (CHWE, 2013, p. 2, tradução nossa). A capacidade de utilização da teoria dos jogos não é necessariamente inata ao indivíduo, sendo uma habilidade adquirida de acordo com as necessidades. As mulheres costumam estar em posições onde precisam desenvolver pensamento estratégico, pois historicamente elas não possuem poder.

Nos romances, há diversas jovens que desenvolvem pensamento estratégico ao fim dos enredos, como Catherine Morland em *A abadia de Northanger* e Fanny Price em *Mansfield Park*, além da coadjuvante Kitty Bennet em *Orgulho e preconceito*. Elas aprendem através da orientação de adultos estratégicos ou à força das situações da vida real. As outras protagonistas já iniciam suas aventuras com habilidades estratégicas, e dado seu efetivo uso delas para alcançarem seus objetivos, pode-se dizer que Jane Austen estava encorajando jovens mulheres a pensar estrategicamente. Os romances, à época de sua escrita, eram o principal meio para as mulheres aprenderem pensamento estratégico, pois eram uma das poucas formas compartilhadas de comunicação pública (CHWE, 2013).

Na época atual, as mulheres possuem diversos meios para aprenderem teoria dos jogos. Alguns anos atrás, revistas voltadas ao público jovem feminino como *Atrevida* e *Capricho* eram as fontes de informação predominantes da classe média, contendo artigos desde como pedir uma mesada aos seus pais a como se vestir para o primeiro encontro. Hoje, as redes sociais assumiram este papel, fazendo parte da cultura estratégica compartilhada entre mulheres. É uma longa tradição, da qual Austen participa, que ocorre nas conversas do dia-a-dia, nas quais amigas compartilham suas experiências na vida e quais técnicas realmente funcionam para conseguirem o que desejam. De fato, a sororidade é muito importante para Austen, cujas personagens femininas protegem umas às outras mesmo quando há desafio entre elas. Movimentos similares de cultura estratégica compartilhada ocorrem em outras minorias sociais, como entre membros da comunidade LGBT.

Essa interpretação sobre a presença da teoria dos jogos nas obras de Austen é muito controversa, recebendo inúmeras críticas. Segundo artigo de William Deresiewicz, o livro *Jane Austen, game theorist* apresenta apenas o apelo de que Austen quer que seus personagens pensem com o raciocínio da teoria dos jogos: que reflitam sobre as consequências de suas escolhas, que planejem como alcançar seus objetivos, que procurem intuir o que as pessoas ao seu redor pensam e como eles são propensos a agir; sem conseguir provar o argumento de que Austen era uma teórica de jogos propriamente dita.

Deresiewicz (2014) destaca que Austen descreve um mundo em que jovens mulheres precisam navegar um perigoso caminho até a felicidade, i.e., um bom marido, controlando seus impulsos e pensando de forma calma e deliberada. A crença de Austen de que a razão deveria governar a conduta é algo evidente em seu trabalho. Sobre a questão da prioridade de Austen como teórica de jogos, Deresiewicz (2013) concorda que há certa verdade nessa ideia. Austen realmente retratou o pensamento estratégico em diversas situações sociais do cotidiano com uma nova profundidade e novos detalhes. Mas ela não foi a primeira. Como Chwe reconhece, a literatura tem explorado a mente e, em especial, o pensamento estratégico desde que surgiu. *A Odisseia*, a história de um mestre estrategista, é um dos exemplos óbvios mais antigos. As peças de teatro de Shakespeare também são repletas de esquemas e conspirações. As formas pelas quais as pessoas procuram usar umas as outras para atingir seus objetivos é um tema central no teatro clássico, assim como o é em muitos gêneros narrativos.

No meu entendimento, os livros de Jane Austen apresentam demasiados diálogos e descrições relacionadas ao pensamento estratégico para serem desconsiderados. Outros romances de época como *Madame Bovary*, *As relações perigosas*, *O morro dos ventos uivantes*, nenhum aborda esta questão com tanta ênfase. Apesar disso, a verdade é que Chwe também força alguns de seus argumentos, como sua alegação de que as crianças aparecem apenas em situações estratégicas com o fim de serem usadas como peões nos jogos estratégicos dos adultos. Outro exemplo é seu argumento que muitas das personagens a quem ele classifica como “sem noção” apresentam características típicas de autismo. Além disso, há excessiva interpretação de diálogos e situações fracas demais para serem levadas em consideração. O que se procurou fazer neste capítulo foi selecionar os argumentos e evidências mais bem estruturados que pudessem transmitir a intenção



de Austen em apresentar romances inteligentes e repletos de estratégias, tanto que podem ser facilmente analisados no contexto de teoria dos jogos.

Seja qual for sua opinião, a ênfase de Austen em análise estratégica pode nos ensinar sobre o mundo de hoje. Essa perspectiva formal e não intuitiva pode ser útil ao menos por ser diferente e por forçar as pessoas a perceberem o familiar com um novo olhar, trazendo outro modo de ver a resolução de problemas. Logo, compreender Austen como uma teórica de jogos fornece novas interpretações acerca de seu trabalho.

## 5. JANE AUSTEN E A ECONOMIA FEMINISTA

A economia feminista é um campo de estudo que se dispõe a falar sobre um assunto pouco mencionado na teoria econômica convencional: a mulher. Desde a não contabilização do trabalho doméstico nos cálculos do PIB à falta de preocupação das políticas e orçamentos públicos com o bem-estar específico da mulher, a necessidade de tal campo é gritante. Jane Austen aborda tópicos da economia feminista constantemente ao ter um protagonismo feminino que discute a dependência financeira, a necessidade do casamento com um parceiro bem sucedido financeiramente e as limitações das mulheres em decidir seus destinos.

Longe de se conformar com as convenções morais da época, “persistentemente Austen demonstra seu desconforto com sua herança cultural, especificamente sua insatisfação com o pequeno espaço designado às mulheres na sociedade patriarcal e a sua análise da economia de exploração sexual” (GILBERT; GUBAR, 1979, p.112, tradução nossa). Utilizando-se de ironias, personagens masculinos fracos e questionamentos disfarçados no enredo, demonstra-se que “a preocupação central de Austen é a impossibilidade das mulheres escaparem das convenções e categorias que, em todos os sentidos, as diminuem” (GILBERT; GUBAR, 1979, p.113, tradução nossa). A autora limita o universo de seus romances a “três ou quatro famílias numa vila do interior” (CHAPMAN; AUSTEN, 1964, tradução nossa), porque sabia que o único lugar destinado a ela seria um espaço apertado, e sua “estratégia de paródia é, em si mesma, um testemunho de sua luta com as estruturas inadequadas mas inescapáveis” da sociedade (GILBERT; GUBAR, 1979, p.112, tradução nossa).

As obras de Austen narram uma história de amor tradicional, na qual as mulheres precisam mudar para obterem seu tão almejado casamento, e aparentemente “reforçam a posição subordinada da mulher na cultura patriarcal” (GILBERT; GUBAR, 1979, p. 154, tradução nossa) promovendo valores conservadores. É preciso entender, entretanto, que a autora britânica tem como principal recurso a ironia, pois sua crítica social, especialmente em relação ao papel da mulher na sociedade, foi incluída - disfarçadamente - de maneira incrivelmente hábil em suas histórias (BIAJOLI, 2014). “A história ‘disfarce’ de Austen sobre a necessidade do silêncio e da submissão” (GILBERT; GUBAR, 1979, p. 154, tradução nossa) escancara a opressão e a vulnerabilidade das mulheres que buscam o casamento como a única forma de garantir um destino estável e seguro.

No começo dos estudos de economia feminista, há a descoberta de que a história do mundo aprendida na escola é apenas sobre a história dos homens, e não a das mulheres. A exploração dos homens sobre as mulheres é milenar e ocorre desde que os humanos começaram a viver em sociedade e houve a divisão do trabalho. A mulher, figura antes endeusada por sua habilidade de gerar uma nova vida, passa a ter um papel secundário frente à maior importância da função do homem, caçador e protetor. A partir deste momento, foram séculos de opressão. A dominação masculina se estende aos livros de história, pois estes mencionam pouco ou nada sobre as mulheres em diversas épocas, desmerecendo sua importância e apagando sua presença.

São os homens que escrevem a história, porque ela é escrita pelos vencedores, conduzindo a uma ampla invisibilidade do papel feminino nos acontecimentos históricos. Em *A abadía de Northanger*, Catherine Morland afirma que a história do mundo “não me diz nada que não me irrite ou me canse. (...) os homens não valem nada e as mulheres quase não aparecem... é muito enfadonho (...) boa parte deve ser invenção” (AUSTEN, 2015b, p.680). Austen implica que a história pode muito bem ser uma dramatização da postura dominante masculina e, portanto, é tão ficção quanto os romances góticos. Ela sugere também que o conhecimento sobre a história, tanto política quanto econômica, é indiferente para a mulher, afetada apenas indiretamente pelos eventos históricos em sua esfera doméstica, sem nunca ter participado dela e estando praticamente ausente de suas páginas (GILBERT; GUBAR, 1979). Em *Persuasão*, Anne Elliot declara: “Não admito que os livros provem coisa nenhuma”, pois “os homens tiveram todas as vantagens

contra nós, ao contarem sua própria história” (AUSTEN, 2015a, p.613). A verdade é que fomos levadas a acreditar que as mulheres não participaram ativamente de eventos históricos, mas elas sempre foram importantes. Logo, não é suficiente incluir uma nota de rodapé sobre como estavam as mulheres em cada época, sendo imprescindível que a história seja reescrita com a presença feminina e com todo o impacto que este gênero teve.

Jane Austen publicou seus livros no final do século 18 e início do século 19, época em que a Inglaterra estava deixando de ser uma economia agrária para tornar-se uma economia industrial. Antes dessa mudança, as mulheres possuíam certa dose de igualdade enquanto trabalhavam em negócios familiares ao lado de seus maridos. A classe média surgiu e os homens que não herdariam terras poderiam buscar prosperidade em empregos como empresário, clérigo, oficial do exército ou da marinha, entre outros. Quando os homens começaram a sair de casa para procurar outras fontes de renda, entretanto, o “trabalho doméstico não pago perdeu visibilidade”, e o trabalho masculino “público, separado do lar e pago” ganhou mais e mais valor (NEWTON, 1995, p.890, tradução nossa). As mulheres foram impedidas de serem advogadas, médicas, políticas ou juízas, o que as deixou “sem nenhuma ocupação além de seus hobbies: música, desenho, costura” (OLSEN, 1999, p.35, tradução nossa). Austen herdou um século de mudanças econômicas no Reino Unido que solidificariam a esfera doméstica como a “esfera feminina”, um conceito ideologicamente sólido que fez os domínios do público e do privado parecerem naturais (EBERLE, 2011).

Com a mudança no padrão econômico do país, as mulheres precisavam encontrar sua posição na nova ordem social, acabando por ser relegadas à esfera doméstica e assumindo uma inutilidade desigual. Essa ideologia de separação entre o público e o privado insistia que as mulheres estariam “seguras” em casa sob os cuidados de um pai ou marido amoroso, porém as tornou mais vulneráveis social e economicamente (EBERLE, 2011). Em seu enredo, Austen demonstra as falhas desta ideologia ao explorar o fracasso paterno em prover retratando figuras masculinas fracas e defeituosas: pais negligentes ou tirânicos, irmãos irresponsáveis ou ausentes, primos estúpidos (JOHNSON, 1990).

O problema da vulnerabilidade da esfera doméstica afeta a sociedade de Austen e sua crítica a essa ideologia sugere que uma estrutura em que os homens são o gênero dominante não é a única resposta. A predominância da falta de

proteção masculina como tema em sua ficção desconcerta suas leitoras ao mostrar que a vida doméstica e a dependência feminina de seus familiares homens não era algo tão eficiente e charmoso como pregavam os romances didáticos. As leitoras percebem que as imperfeições do mundo de Austen refletem as imperfeições do mundo real, e começam a questionar a validade da ideologia da esfera doméstica (EBERLE, 2011). Johnson afirma que “sugerir, como o faz Austen, (...) que os ‘laços de afeição doméstica’ nem sempre são doces é atacar as instituições que tornam possível a moralidade, e assim contribuir para a dissolução do governo” (JOHNSON, 1990, p. 10, tradução nossa).

Os romances de Austen, na verdade, promoviam um tipo de pensamento subversivo ao fazer as mulheres questionarem sua posição social e econômica de vulnerabilidade, ao contrário de outros romances de seu tempo. Durante sua época, havia um gênero de romance muito comum de obras didáticas voltadas para a instrução das mulheres, centradas em personagens femininas de valor moral impecável, protetoras da família e dos bons costumes, que procuram alertar suas leitoras à necessidade de submissão das mulheres e aos perigos do amor romântico (GILBERT; GUBAR, 1979). Estes romances moralistas foram produzidos em resposta aos movimentos de grandes questionamentos sociais encorajados pela Revolução Francesa, época em que a “modéstia feminina era um assunto de segurança nacional” (JOHNSON, 1990, p.14, tradução nossa). Surge, nesse período, a ideia de que a estabilidade do país dependia do comportamento adequado das mulheres - em especial das jovens na idade de se casar - e sua conduta poderia definir tanto o sucesso quanto a destruição da ordem política, já que a família era a base do Estado e da nação (JOHNSON, 1990, p. 3-4).

À primeira vista, os romances de Austen podem ser comparados a estes romances moralistas. Longe de seguir esse padrão conservador, contudo, Austen repetidamente demonstra seu desconforto com a agressiva tradição patriarcal. Certamente ela concordaria com a declaração de Mary Wollstonecraft (1792, tradução nossa): “Todos os escritores que escreveram sobre o tema da educação feminina e maneiras (...) contribuíram para tornar as mulheres mais artificiais e fracas do que teriam sido”. Ao escrever romances em que evidencia a vulnerabilidade das mulheres frente à sociedade, ela está alertando suas leitoras sobre os males da sociedade patriarcal.

Austen sugere que romances são um gênero de literatura sem prestígio, porque são associados com um gênero sem prestígio, o feminino. Em *A abadía de Northanger*, Catherine é levada a acreditar que os romances sejam um tipo inferior de literatura, precisamente porque o gênero fora dominado por escritoras mulheres e por um público feminino em expansão. Os romances, entretanto, possuíam um grande impacto em seu público. “A literatura, é claro, teria a maior circulação, embora principalmente entre as crescentes e novas classes médias, que proporcionavam um mercado particularmente vasto (especialmente entre as mulheres desocupadas) para romances e longas narrativas poéticas” (HOBSBAWM, 2013, p.405). Os romances moralistas foram responsáveis pela aceitação das mulheres de sua nova posição social.

O Romantismo entrou na cultura da classe média talvez principalmente pelo aumento dos devaneios entre as mulheres da família burguesa. Exibir a capacidade do homem em prover o sustento da família para mantê-las em uma grande ociosidade foi uma de suas principais funções sociais, uma acalentada escravidão era seu destino ideal (HOBSBAWM, 2013, p.428).

Um dos maiores exemplos da falha da sociedade patriarcal e da negligência masculina encontra-se em *Razão e sensibilidade*. O livro narra a história de duas irmãs, Elinor e Marianne Dashwood, que se encontram em uma situação financeira precária pela recusa de seu irmão em cuidá-las e protegê-las financeiramente. Seu título advém das personalidades de cada irmã: enquanto Elinor age com cautela e sensatez, Marianne é impulsiva e leva-se pelas emoções. *Razão e sensibilidade* costuma ser lido como uma lição de moral: a razão deve prevalecer sobre as emoções do coração. Claudia Johnson, entretanto, interpreta-o como um livro que discorre sobre o infeliz destino das mulheres: nenhuma das duas irmãs, detentoras de atitudes e comportamentos quase opostos, consegue escapar dos males infligidos por uma sociedade patriarcal, pois nenhuma mulher está a salvo dela. Pode-se fazer um paralelo com a sociedade contemporânea, na qual a mulher está sujeita a críticas independente de seu comportamento. Se a mulher tem uma vida sexual ativa, por exemplo, ela é promíscua, mas se é virgem, é conservadora. Diz Johnson: “Essa novela obscura e desencantada expõe como aquelas instituições de ordem sagradas e supostamente benevolentes - propriedade, casamento e família - na verdade reforçam a avareza, a incapacidade e a mediocridade opressiva.”

(JOHNSON, 1990, p.49, tradução nossa). Assim, em *Razão e sensibilidade* “o que está em jogo não é a propriedade, mas a sobrevivência” (JOHNSON, 1990, p.50, tradução nossa).

Em *A abadia de Northanger*, Catherine Morland começa a alimentar ilusões góticas sobre a perversidade do general Tilney, imaginando-o como assassino ou carcereiro de sua esposa. Ao fim do romance, Catherine descobre que estava errada sobre essa conjectura, mas não sobre o caráter do general: este a obriga a voltar para casa, sem se preocupar em dar-lhe dinheiro ou um criado para acompanhá-la durante a longa viagem, ao descobrir que ela não era herdeira de uma grande fortuna. A falta de poder das mulheres é intimamente relacionada com sua dependência financeira. Ellen Moers afirma que “o dinheiro e sua obtenção são assuntos tipicamente femininos ao invés de masculinos na ficção inglesa” (MOERS, 1977, p.67, tradução nossa), o que é verdadeiro no caso de Austen, que apresenta como “o controle patriarcal das mulheres depende das mulheres terem negados seus direitos a adquirir ou até a herdar seu próprio dinheiro” (GILBERT; GUBAR, 1979, p.136, tradução nossa).

De certa forma, todas as principais heroínas de Austen lembram Catherine Morland em sua descoberta do fracasso da figura paterna, das falhas inerentes à hierarquia patriarcal e, como evidenciado por Mary Burgan (1975, p.537, tradução nossa), da “insuficiência da família como unidade básica psicológica e econômica da sociedade” (apud GILBERT; GUBAR, 1979, p.137). Especificamente, sua percepção que o general Tilney controla tão rigidamente o lar apesar de sua falta de honra e empatia assemelha-se ao reconhecimento de Elizabeth Bennet de que a reclusão de seu pai na biblioteca é egoísta e destrutiva à família; e à percepção de Fanny Price de que o chefe da família Bertram, *Sir Thomas*, não apenas era falho e inflexível em suas escolhas e julgamentos de caráter, como era ganancioso em seus motivos (BURGAN, 1975).

A mesma ideia é abordada em seus outros romances. Desde *Razão e sensibilidade*, onde o herdeiro não distribui o dinheiro recebido para suas irmãs e as priva de moradia, passando por *Orgulho e preconceito*, onde o futuro herdeiro da propriedade familiar ameaça as irmãs Bennet com um casamento por conveniência. E por *Emma*, em que Jane Fairfax precisará tornar-se uma governanta se não obter um marido, e até em *Persuasão*, onde a viúva sra. Smith fora reduzida à pobreza. Austen relembra seus leitores que as leis e costumes da Inglaterra, como Henry

Tilney anuncia, podem proteger as mulheres de homicídio por violência doméstica (AUSTEN, 2015b, p.733), mas que não oferecem maior segurança para uma esposa não amada, ou para uma mulher que não seja uma esposa. Eventualmente as heroínas de Austen percebem, como Elinor Tilney, serem as mulheres donas da casa “só de nome” e que seu “real poder é nulo” (AUSTEN, 2015b, p.749).

Consciente da estrutura patriarcal da sociedade, Austen evidencia o “poder econômico, político e social dos homens ao dramatizar como e por que a sobrevivência feminina depende da obtenção de aprovação e proteção masculina” (GILBERT; GUBAR, 1979, p.154, tradução nossa). As heroínas que rejeitam seus pais e figuras paternas inadequadas estão em busca de homens melhores e mais sensíveis, que ainda são, apesar de tudo, representantes da autoridade e cujas casas representam um refúgio da família e dos perigos do mundo. Enquanto tornar-se um homem significa provar seu valor ou ter uma ocupação, “tornar-se uma mulher significa renunciar às conquistas e acomodar-se aos homens e aos espaços que eles fornecem” (GILBERT; GUBAR, 1979, p.154, tradução nossa). Em todos os romances de Austen, o final mais feliz pressupõe a necessidade de proteção masculina para a heroína.

Jovens mulheres, portanto, desejam escapar de suas famílias, mesmo que seja através do casamento com um homem que não amam. Eliza Brandon, Julia e Maria Bertram, Lydia Bennet, Lucy Steele e Georgiana Darcy tornam-se todas “prontas para o matrimônio pelo ódio ao lar, à dependência, àquela tranquilidade” (AUSTEN, 2015b, p.133). Em *Emma*, ao especular sobre o que motivou a srta. Hawkins a aceitar a proposta de casamento do sr. Elton, Emma Woodhouse conjectura que ela “talvez goste [dele], mas não é destino de todo homem se casar com uma mulher que o ame. A srta. Hawkins talvez desejasse apenas um lar, e pensou que essa seria a melhor oferta que receberia” (AUSTEN, 2015b, p.476). Em *Mansfield Park*, Maria Bertram aceita casar-se com o sr. Rushworth após sofrer com uma desilusão amorosa pelo sr. Crawford, pois “a independência era mais importante do que nunca” e, “para curar sua alma, Maria precisava escapar dele [seu pai] e de Mansfield o mais rápido possível e encontrar consolo na riqueza, na importância, na agitação e no mundo” (AUSTEN, 2015b, p.132). O “casamento é crucial porque é o único meio acessível para as garotas se auto definirem na sociedade” (GILBERT; GUBAR, 1979, p.127, tradução nossa), sendo uma forma das mulheres obterem poder e liberdade.

As heroínas de Austen estão confinadas às suas casas, devido às regras de etiqueta, e são dependentes de seus pais ou irmãos para se locomoverem no espaço público. Como Anne Elliot explica, “vivemos em casa, caladas, trancadas, vítimas de nossos próprios sentimentos” (AUSTEN, 2015a, p. 612). Em *Emma*, essa diferença de liberdade fica evidente em uma discussão sobre a relutância do sr. Churchill em visitar seu pai. O sr. Knightley atesta que “é inconcebível que um homem na idade dele não tenha a liberdade, física ou moral, de tomar suas próprias decisões” (AUSTEN, 2015b, p.398) e, portanto, o sr. Churchill não visita seu pai porque não quer. Caso este ele fosse uma moça, a situação seria diferente, pois “uma jovem, se caísse nas mãos erradas, seria caçoada e mantida longe daqueles com os quais ela deseja estar. Mas não é possível entender um jovem ser sujeitado a tais restrições e não ser capaz de passar uma semana com o pai, se assim o desejar” (AUSTEN, 2015b, p.384). Essa falta de liberdade as distingue do homem mais pobre da região, como William Price, evidenciando “que as diferenças de gênero têm precedência sobre a ordem das classes sociais” (GILBERT; GUBAR, 1979, p.124, tradução nossa).

O silêncio de Austen em outros tópicos que não o casamento é, em si, uma declaração do quão incompletas são as vidas das mulheres. Ao seu ver, o casamento era a única forma aceitável e acessível para uma jovem ter algum tipo de sucesso nessa sociedade. Para realizar essa crítica, Austen parodiava romances cujas personagens femininas constantemente sofrem do que Karen Horney (1967) chama de “sobrevalorização do amor”: uma necessidade insaciável de ser amada, e que encoraja as mulheres a viverem apenas pelo amor dos homens. Logo, ela “mostra o quanto a ficção romântica popular contribui para a noção tradicional de que as mulheres não têm outro objetivo legítimo além de amar os homens” (GILBERT; GUBAR, 1979, p.118, tradução nossa). Em seus romances, Austen “subverte as convenções da ficção popular para descrever a vulnerabilidade solitária das garotas cujas vidas, se mais mundanas, são tão frustradas quanto aquelas sobre as quais elas leem de forma tão obcecada” (GILBERT; GUBAR, 1979, p.121).

A irmã mais nova de Elizabeth, Lydia Bennet, em *Orgulho e preconceito*, é a incorporação desta crítica. Lydia é retratada como uma menina fútil de 15 anos, mimada pela mãe e interessada somente em flertar com oficiais do exército britânico e em fazer compras. Sua tolice e inocência fazem com que ela fuja para Londres com o manipulador sr. Wickham, todavia, sendo forçada a casar com ele e ir morar



longe de sua família, ao norte da Inglaterra. Lydia parece receber um castigo pelo que a própria construiu, pois gera problemas desde o início da narrativa. Suas atitudes, porém, são fruto de uma educação deficiente, pois tanto ela quanto a mãe foram ensinadas a se importar somente com futilidades e a crer que o objetivo mais importante de suas vidas era conquistar um marido (BIAJOLI, 2014).

Em *Mansfield Park*, Lady Beltram reflete que “beleza e fortuna eram tudo que lhe despertavam respeito. Saber que um homem de fortuna pedira Fanny em casamento elevou-a, portanto, muito em seu conceito” (AUSTEN, 2015.2, p.213). O valor de Fanny dá-se pela possibilidade de realizar um bom casamento, segundo Lady Beltram, porque isso é o que foi ensinado a ela. Seus dias são dispendidos em ociosidade e futilidades, porque é o esperado de uma esposa rica. A inutilidade da vida a que as mulheres tinham direito dentro dessa sociedade patriarcal era responsável pela produção de meninas tolas e de comportamento chocante que a mesma sociedade patriarcal se esforçava por condenar (BIAJOLI, 2014).

“É verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro e muito rico precisa de esposa” (AUSTEN, 2015a, p.237), declara a primeira frase de *Orgulho e preconceito*; mas todas suas leitoras sabem que o contrário é verdadeiro - mulheres solteiras sem nenhuma fortuna precisam muito de um marido (GILBERT, 2017). Austen sugere que muitos - possivelmente a maioria - dos casamentos da era georgiana foram motivados por imperativos econômicos (GRANT, 2017).

De fato, o casamento era muito importante para a vida da mulher. Caso ela falhasse em se casar, suas únicas alternativas seriam viver o resto da sua vida com a família, sendo um fardo financeiro, ou tornar-se governanta. Charlotte Lucas, de *Orgulho e preconceito*, já com vinte e sete anos de idade, aceita a proposta de casamento do sr. Collins para não ser mais um fardo aos seus pais e irmãos. Jane Fairfax, de *Emma*, “deveria preparar-se para ser tutora porque as poucas centenas de libras que herdara do pai não a deixariam em uma situação confortável” (AUSTEN, 2015b, p.407). Jane tivera uma boa educação para assumir o emprego quando fizesse vinte e um anos, “da mesma forma que uma noviça devota se decide por completar seu sacrifício, renunciando aos prazeres da vida e a todo tipo de vida social, paz e esperança, a fim de cumprir sua penitência para sempre” (AUSTEN, 2015b, p.408).

A educação feminina, portanto, é útil apenas para as mulheres que desejam ser governantas ou para aumentar seu valor para o casamento, e às vezes nem

para isso. Emma Woodhouse, em *Emma*, por exemplo, reflete que uma personalidade amável é mais importante que a inteligência na escolha de uma esposa. “O calor e a ternura de um coração, somados a um temperamento aberto e carinhoso, valem mais e são mais atraentes do que qualquer mente privilegiada” (AUSTEN, 2015b, p.474).

Em *A abadía de Northanger*, Austen reescreve o romance gótico, porque acredita que não são as paredes ou as advertências que aprisionam as mulheres, mas sim a dependência financeira, a “verdadeira maldição ancestral” (GILBERT; GUBAR, 1979, p.135), e a falta de uma educação formal. Neste livro, Jane Austen ataca principalmente a ignorância culturalmente condicionada às mulheres, argumentando que “sobretudo a mulher, quando tem a desgraça de conhecer alguma coisa, deve esconder o máximo possível”, pois “a imbecilidade aumenta em muito os encantos pessoais femininos” (AUSTEN, 2015b, p. 681). Quando Catherine Morland investiga a escrivãzinha em seu quarto na abadía, imersa em visões romanescas, ela se sente frustrada ao encontrar uma conta de lavanderia no lugar de um manuscrito contendo segredos sombrios. Não seria esse, entretanto, o verdadeiro horror que Catherine deveria temer? O destino inevitável das mulheres de subserviência doméstica é mais assustador que qualquer assombração gótica.

Tal como a protagonista de *A megera domada*, de Shakespeare (2003), as heroínas de Austen precisam mudar seu comportamento para caberem nos pequenos espaços destinados a elas na sociedade. A confiança, imaginação, inteligência e apreço por atividades físicas encorajam as fortes heroínas a acreditarem que poderão conquistar seu lugar no mundo, “mas isto se prova uma ilusão perigosa para as mulheres, que precisam aceitar o destino de serem dominadas, e assim as heroínas aprendem os benefícios da modéstia, discrição e paciência” (GILBERT; GUBAR, 1979, p.162, tradução nossa). É o “dilema de todas as mulheres, que precisam aceitar sua condição de objetos depois de uma adolescência em que experimentaram serem agentes livres” (GILBERT; GUBAR, 1979, p.161, tradução nossa). Até o fim do romance, a heroína chegará à realização de que sua vivacidade não é adequada a uma dama, tendo todos os seus atributos de que tanto se orgulhava constrangidos para submeter-se a um papel silencioso e compreendendo sua própria impotência.

Em *Emma*, a protagonista de mesmo nome é severamente punida por sua imaginação, assim como as outras heroínas sonhadoras. A brilhante sagacidade que

a definiu como heroína é criticada por ser enganosa, e seus esforços casamenteiros são considerados coercitivos. Ao que isso ocorre, Emma recrimina-se: “Como sua conduta fora indelicada, sem consideração, irracional e insensível! Como pôde deixar-se levar por tamanha cegueira e loucura?” (AUSTEN, 2015b, p.564). Sua humilhação é um prelúdio para submissão, ao compreender sua impotência e vulnerabilidade como mulher. Similarmente, em *A abadía de Northanger*, Catherine Morland experimentou “a liberdade que sua imaginação ousara tomar” em seus devaneios góticos, o que a levou a “se odiar mais do que conseguia exprimir” (AUSTEN, 2015b p.733), ao que ela também foi reduzida ao “silêncio e a tristeza” (AUSTEN, 2015b, p.758). Em *Orgulho e preconceito*, Elizabeth Bennet, que tanto se orgulhava de seu bom julgamento, descobre que “fora cega, parcial, preconceituosa e absurda” (AUSTEN, 2015a, p.360) em sua avaliação sobre o sr. Darcy e o sr. Wickham. Significativamente, “sentia-se humilhada e amargurada; estava arrependida, *ainda que não soubesse bem do quê*” (AUSTEN, 2015a, p.420, grifos nossos).

*Razão e sensibilidade* é o romance que mais evidencia o conflito de Austen em sua fascinação pela imaginação e sua crença de que ela não era adequada a uma dama (GILBERT; GUBAR, 1979). Nele, Marianne Dashwood é punida por sua intensidade e imprudência, apesar destas mesmas características terem sido tão apreciadas antes: “[em seus olhos] havia uma vida, um espírito, uma vivacidade que não se podiam ver sem prazer” (AUSTEN, 2015a, p.34). Assim, sua irresponsabilidade em perseguir um casamento com o homem que amava foi punida ao ser coagida a casar-se com um homem mais velho, já que “pelo consenso Marianne devia ser o prêmio por tudo que [o coronel Brandon] fizera” (AUSTEN, 2015a, p.232). Apesar de Elinor Dashwood admitir que “trinta e cinco e dezessete não têm nada a ver com um casamento de um com o outro” (AUSTEN, 2015a, p. 29), ela junta-se ao coro de família e amigos contra sua irmã Marianne, pois o coronel Brandon a “merecia” por ter realizado boas ações ao longo do romance. “Com tal conspiração contra si”, pergunta a narradora, “que poderia ela fazer?” (AUSTEN, 2015a, p.232).

Todas estas jovens aprendem a necessidade de submissão e discrição. Marianne torna-se quieta e mesmo quando “mil perguntas brotaram do seu coração, não ousou formular nenhuma” (AUSTEN, 2015a, p.213). Elizabeth Bennet apresenta sua maturidade ao evitar contar aos seus pais sobre seu amor por Darcy e ao omitir

à sua irmã Jane sobre a carta da sra. Gardiner e sobre o papel de Darcy na partida do sr. Bingley. Emma evita conversar com a sra. Elton e Jane Fairfax quando aprende a ter discricção, e também consegue manter a proposta de casamento do sr. Knightley em segredo de Harriet (GILBERT; GUBAR, 1979). Afinal, as mulheres precisam ser submissas. “A pobre Isabella”, casada com o irmão do sr. Knightley em *Emma*, “completamente dedicada, não enxergava nenhum defeito nos outros e, sempre inocentemente ocupada, deveria ser um modelo perfeito de felicidade feminina” (AUSTEN, 2015b, p.394).

Quando uma mulher não realiza essa mudança de comportamento para tornar-se uma dama respeitável, ela sofre como Mary Crawford em *Mansfield Park*. Enquanto seu irmão Henry cometeu o crime de seduzir mulheres para satisfazer sua vaidade, recebendo uma punição leve em resposta, o crime da segunda foi apenas retórico. Edmund Bertram percebe o caráter de Mary como imoral e não feminino ao que a mesma expôs sua opinião sobre o caso extramarital de Maria Bertram, pois “Mary reprovava a descoberta, a revelação, não a falta de moral.” (AUSTEN, 2015b, p.292). Por sua recusa em se submeter às categorias da sociedade e por desafiar o papel recatado conferido à mulher, “ela deve ser aniquilada” (GILBERT; GUBAR, 1979, p.168, tradução nossa), sofrendo uma punição mais rigorosa. No caso dos homens e das mulheres, há dois pesos e duas medidas, uma vez que a mulher sempre será mais culpada. Sobre o sexo feminino recai a obrigação de ser respeitável, recatada e amável, enquanto a atitude masculina é justificada porque “são apenas garotos e não sabiam o que faziam”.

“Todos os seis romances de Jane Austen terminam em casamento” (GILBERT, 2017, tradução nossa), com todas as suas protagonistas prestes a viver seu “felizes para sempre” com seu interesse romântico. Poucos outros autores tão fielmente terminavam suas histórias com casamento, o qual marcava um ponto final “natural” ao oferecer uma resolução finita, pois os casamentos no século 19 costumavam fazer valer o “até que a morte nos separe”, além de prover segurança doméstica e financeira para suas heroínas. Os romances de Austen definiram um padrão universal para as comédias românticas: as histórias das mulheres terminam, definitivamente, com o casamento (GILBERT, 2017).

Há diversas críticas dirigidas à Jane Austen por seu extenso uso da narrativa de casamento. Muitos estudiosos consideram-na uma ferramenta conservadora que diminui o poder da mulher, afirmando que autores como Austen, que terminam seus

enredos com casamentos, mostram que o “casamento é o único final desejável para protagonistas femininas” (WHITE, 1995, p.71, tradução nossa apud EBERLE, 2011). Isto rendeu à Austen acusações de apoiar ou ser conivente com esse grande projeto conservador para as mulheres. Para os amantes de Austen, essa é uma das críticas mais irritantes. Escritores homens como Charles Dickens raramente são repreendidos por terminarem suas comédias em casamento, como de fato a maioria das comédias terminam. Com efeito, *Como gostais* (2013), de William Shakespeare, termina com nada menos do que quatro casamentos - um número inigualado por nenhum romance de Austen (GRANT, 2017).

Austen tinha uma boa razão para terminar suas histórias conduzindo suas personagens ao altar: as convenções narrativas exigem finais felizes em romances. Austen obedeceu às estruturas rígidas do enredo de casamento, mas também obrigou suas leitoras, subversivamente, a ver a questionável realidade do casamento para as mulheres. Críticos acreditam que ela poderia ter feito mais, todavia, para desafiar essa instituição. Newton (1978, p.39, tradução nossa) argumenta que, em *Orgulho e preconceito*, “o poder não tradicional de Elizabeth não é recompensado com uma vida diferente, mas pela vida tradicional de uma mulher, com amor e casamento” (apud GILBERT, 2017).

O aparente conservadorismo de Jane Austen é uma ferramenta para denunciar o comportamento formal que se exigia das mulheres (BIAJOLI, 2014), todavia ela superestimou seu público e acabou por impactar profundamente a cultura ocidental de uma forma que não concordaria. É difícil quantificar a influência da narrativa do casamento de Austen. Sua influência pode ser sentida todas as vezes que uma comédia romântica termina em um noivado, um casamento ou em uma promessa de permanecerem juntos pelo resto da vida. O âmago do seu trabalho é paradoxal: ninguém como Jane Austen desafiou mais as convenções e estruturas do casamento para as mulheres no século 19, enquanto, simultaneamente, o consagrou como o derradeiro final feliz para personagens femininas independentes e inteligentes (GILBERT, 2017).

“Desde os dias da Jane Austen, consumidores de cultura pop têm sido atraídos por histórias em que protagonistas femininas encontram seu final feliz no casamento e na maternidade” (BECK, 2014, tradução nossa apud GILBERT, 2017). A vasta maioria da cultura contemporânea não reconheceu a natureza irônica das obras de Austen, entendendo que histórias com mulheres complexas e intrigantes

devem acabar em casamento, por mais improvável que seja (GILBERT, 2017). É o problema em filmes como *Os homens preferem as loiras*, *O diário da princesa 2*, *Legalmente loira* e *De repente 30*. Com o casamento de Carrie e Big ao final da série *Sex and the city*, seu criador Darren Star admite que “o programa traiu sua essência que era mulheres não acham a felicidade se casando”, porque “no fim, virou uma comédia romântica tradicional” (VOGUE, 2016, tradução nossa).

O problema com a narrativa do casamento é que, por mais satisfatório que seja, ela apenas oferece um relance parcial sobre a vida das mulheres e implica que o casamento é o ato mais significativo que a mulher irá realizar. Além disso, a realidade das mulheres casadas dificilmente é abordada, conduzindo a uma idealização errônea do casamento como algo perfeito e que só traz felicidade. A pesquisadora Judith Newton (1981, p.55, tradução nossa) comentou que “o casamento demanda resignação mesmo quando incita alegria, inicia a nova vida enquanto confirma a vacilante suspeita de que o melhor já acabou” (apud GILBERT, 2017). Simone de Beauvoir faz a mesma reflexão: “O drama do casamento não está no fato de que não assegura à mulher a felicidade que promete (...) e sim no fato de que a mutila”, pois “com vinte anos, dona de um lar, presa para sempre a um homem, com um filho nos braços, eis a vida acabada definitivamente” (BEAUVOIR, 2016, p.272).

*As patricinhas de Beverly Hills*, a adaptação cinematográfica moderna de *Emma*, é uma exceção por conseguir abranger a ironia de Austen, terminando com um casamento - não o de sua personagem principal, Cher, mas o de sua professora, a sra. Geist. Concluir com um casamento implica que todos os envolvidos viverão felizes para sempre, algo que Austen sabia ser pouco provável. Seu final de *Mansfield Park*, em que descreve a felicidade de Fanny e Edmund sendo “tão segura quanto é possível sê-lo a felicidade terrena” (AUSTEN, 2015b, p.303), acena para os leitores que sabem por experiência própria o quão pouco confiável e duradoura a felicidade terrena verdadeiramente o é (GILBERT, 2017).

Este é um padrão em Austen: salvar suas heroínas em circunstâncias tão semelhantes ao *deus ex-machina*, incorporado pela narradora, que nos fazem questionar se a vida das mulheres sem igual protetor benevolente teria um final tão feliz, incitando suas leitoras a contestarem a realidade injusta em que vivem (GILBERT; GUBAR, 1979).

Ao fim de *A abadía de Northanger*, Catherine Morland casa-se com Henry Tilney. Sua casa ao menos lhe oferece, a esta garota que adorava “rolar o declive gramado nos fundos da casa” (AUSTEN, 2015.2, p.620), vista para os “verdes bosques” (AUSTEN, 2015.2, p. 742). “Em outras palavras, o futuro lar de Catherine oferece a promessa de que as mulheres podem encontrar espaços confortáveis para viver em sociedade” (GILBERT; GUBAR, 1979, p.144). A mesma esperança aparece em *Persuasão*. O livro começa com Sir Walter lendo o *Baronetage*, descrito como o “livro dos livros” (AUSTEN, 2015.1, p. 474) porque é um registro da linhagem aristocrática, simbolizando a autoridade masculina e a história patriarcal. Sua filha Anne não terá importância até que o nome de um marido seja escrito ao seu lado - mas o nome de Anne é novo no *Baronetage*. O livro registra “todas as Marys e Elizabeths com quem se casaram” (AUSTEN, 2015.1, p.471), um possível prenúncio de que, ao contrário de suas irmãs Mary e Elizabeth, Anne não será forçada a pertencer ao “livro dos livros”. Em verdade, Anne rejeitará os padrões econômicos e sociais representados pelo *Baronetage*, ao fim do romance, ao afirmar que não ela, mas as aristocratas *Lady Dalrymple* e a sua filha srta. *Carteret* é que eram “nada” (AUSTEN, 2015.1, p.560), insistindo também no “consolo de contar toda a história à sua maneira” (AUSTEN, 2015.1, p.598).

De forma sutil, Austen deu às suas heroínas poder e autonomia que ela mesma não possuía. Em *Orgulho e preconceito*, “quando Austen permite que Elizabeth expresse atitudes críticas, sem receber punição, quando ela dá à Elizabeth o poder de mudar sua própria sorte, Austen está se movendo contra as noções tradicionais de comportamento e destino femininos.” (NEWTON, 1978, p.35, tradução nossa apud GILBERT, 2017). Em *Persuasão*, Anne é ignorada em casa: “sua palavra não tinha nenhum peso, tinha sempre de ceder; era só a Anne” (AUSTEN, 2015.1, p.473). Seu desenvolvimento pessoal ocorre progressivamente ao usar sua voz, apenas para descobrir que está sendo ouvida. Seu clímax ocorre quando, em uma sala cheia de pessoas, Anne consegue sinalizar sua falta de interesse no sr. Elton para o capitão Wentworth, ao afirmar que não apreciaria o sarau na casa de seu pai, onde o primeiro estaria, e preferia ver a peça de teatro. “Ela falou; mas tremia quando acabou de falar, consciente de que suas palavras foram ouvidas” (AUSTEN, 2015.1, p. 607), porque Anne “jamais, desde a morte da mãe, sentira a felicidade de ser ouvida ou encorajada” (AUSTEN, 2015.1, p.497).

Austen contribuiu para o fomento de uma economia de solidariedade entre mulheres. Em *Mansfield Park*, a importância da sororidade torna-se aparente quando Fanny Price pondera que “Maria e Julia, em especial Maria, estavam tão estreitamente envolvidas na má conduta do sr. Crawford que ela não podia descrever-lhe o caráter, como o julgava, sem as trair” (AUSTEN, 2015b, p.204). Fanny reconhece a necessidade da união e apoio entre mulheres num mundo patriarcal. Logo, ela recrimina a falta de sororidade da srta. Crawford e sra. Grant: “Qualquer mulher deveria compreender a possibilidade de um homem não ser aprovado, não ser amado por outra mulher” (AUSTEN, 2015b, p.226). Ela luta pelo direito de recusar a proposta de casamento de Henry Crawford, pois “não deveria ser considerado como algo certo que um homem tem de ser aceito necessariamente por toda mulher de quem por acaso venha ele a gostar” (AUSTEN, 2015b, p.226).

Em *Emma*, a protagonista apresenta a mesma preocupação com a sororidade, e “estava segura de que não infringira o dever de lealdade que toda mulher sente pelas outras ao revelar suas suspeitas a respeito de Jane Fairfax para o sr. Frank Churchill” (AUSTEN, 2015b, p.450). Em *Orgulho e preconceito*, a srta Bingley recrimina Elizabeth Bennet, pois acredita que ela “é uma dessas mocinhas que procuram chamar para si a atenção do outro sexo menosprezando o seu próprio”, o que se trataria de um “truque baixo” (AUSTEN, 2015a, p.259-260). Mesmo que as mulheres em questão não tenham afinidade uma com a outra, é imperativo que elas ajudem umas às outras e priorizem outras mulheres sobre seus interesses românticos.

Para Austen, o casamento ideal deveria ser uma parceria igualitária. Hudson (1995) observa que Austen usa sua narrativa do casamento para mudar o balanço do poder em relacionamentos homem-mulher através de relações similares à de irmãos, quase incestuosas. Em um mundo onde o casamento, conduzido por dotes e relações de poder, é o objetivo final, Austen sugere que há laços mais importantes em jogo - os da família. Ao escrever sobre um relacionamento similar ao entre irmãos, Austen descreve uma união em que os dois membros sejam iguais, criando um mundo onde papéis de gênero tradicionais são questionados (EBERLE, 2011). Em *Orgulho e preconceito*, Elizabeth Bennet e o sr. Darcy formam uma parceria estratégica, graças à tática dela em não se deixar intimidar: “Ele tem uma mente muito irônica, e, se eu não começar a ser impertinente também, logo vou ficar com medo dele” (AUSTEN, 2015a, p.249). O sr. Darcy anteriormente expressou ter uma



“ideia muito exigente” do que seria “uma mulher prendada” (AUSTEN, 2015a, p.259), mas apreciou a inteligência e a audácia de Elizabeth, vendo-a como igual e se apaixonando por sua personalidade forte. Em *Emma*, o mesmo ocorre entre Emma e o sr. Knightley. Os dois personagens também passam por um desenvolvimento pessoal, fazendo com que seu relacionamento seja mais realista e igualitário - como em seu casamento, onde o dinheiro dela complementar o papel dele como o principal proprietário de terras da região (HECIMOVICH, 2008).

Ao dar às suas leitoras modelos femininas que lidam com os problemas reais de economia e casamento, ela torna o processo de questionar e mudar as relações entre os gêneros parecer normal (EBERLE, 2011). Austen utiliza seu enredo para dar às suas leitoras o que elas querem: o romance e o conto de fadas, mas adicionando importantes questionamentos sobre a posição social e econômica das mulheres.

## 6. CONCLUSÃO

As obras de Jane Austen são intrinsecamente ligadas à economia. Desde proporcionar relatos confiáveis sobre a realidade econômica e política de sua época, passando por ilustrar a ética econômica de Adam Smith, a demonstrar um raciocínio estratégico comparável ao funcionamento da teoria dos jogos, até evidenciar a vulnerabilidade social e econômica das mulheres e a necessidade de uma economia feminista.

Para um leitor casual, os romances de Austen podem parecer conservadores e tendendo ao *status quo*. É preciso uma leitura mais aprofundada que parta de um contexto histórico-econômico-feminista para assimilar as mensagens nas entrelinhas. Devido às restrições da sociedade de sua época, Austen precisou disfarçar suas opiniões em ironias, mascarando críticas à condição feminina e à situação político-econômica em histórias de amor açucaradas. A obra de Austen é um paradoxo, pois ao procurar disseminar ideias radicais à sua época disfarçadas em um enredo conservador, acabou reforçando estes valores conservadores e contrariando sua intenção original. No processo de expor as problemáticas da instituição do casamento, reforçou este como o fim último de todas as personagens femininas na cultura ocidental.

A literatura de uma época pode ser usada como fonte de dados histórico-econômicos e trazer a emergência de processos sociais. A obra de Austen é intrinsecamente política ao defender certos comportamentos, fazendo várias referências veladas à inércia do parlamento britânico e mostrando seus protagonistas a favor da assistência social aos pobres. Além disso, os romances da escritora descreviam que as principais rendas dos cidadãos britânicos nesta época vinham dos títulos de dívidas públicas e das propriedades, servindo de base para Thomas Piketty em seus estudos sobre a metamorfose do capital ao longo dos séculos. Assim, o economista francês pode provar que as estruturas do capital continuam as mesmas e que a desigualdade se sustenta através da transmissão de heranças, o que gera alta acumulação de capital.

Para Austen, o dinheiro era muito importante na vida das pessoas, assim como o é hoje, mas ele não deveria dominar suas escolhas. Adam Smith também era categórico em sua declaração de que a felicidade não poderia ser comprada e que insistir neste erro poderia trazer consequências desastrosas. Em *Razão e*

*sensibilidade*, principalmente, esse dilema em relação à riqueza é exposto com conclusões ambíguas. A história de Marianne Dashwood e de seu amante sr. Willoughby é comparável à analogia do filho do homem pobre de Adam Smith, que trabalha toda a sua vida na ilusão de que a riqueza lhe traria felicidade. Castigados com a ambição de um casamento por amor e de riqueza, respectivamente, os dois jovens sofrem e acabam de forma relativamente infeliz ao fim do livro, sacrificando a tranquilidade que sempre estivera aos seus alcances. O casamento por conveniência do sr. Willoughby demonstra como a riqueza por si só não traz felicidade e que ele teria mais chances de ser feliz caso aceitasse viver em condições financeiras mais humildes. O que fez os dois jovens apaixonarem-se, em primeiro lugar, foi efetivamente porque simpatizavam um com o outro, compreendendo-se mutuamente, e essa sensação de ter seus sentimentos entendidos e validados é o que todos buscam, segundo Adam Smith.

Destaca-se, entretanto, que as mulheres tinham opções mais limitadas do que os homens, porque a única carreira de trabalho que poderiam seguir era a de governanta, tornando compreensível a busca por um marido rico e um casamento por conveniência. Estas mulheres usualmente receberam o papel de antagonistas no mundo de Austen, e suas histórias costumam ser as mais divertidas e interessantes aos seus leitores, sendo benéficas aos outros como a busca por riqueza o é segundo Adam Smith. A sociedade, contudo, era impiedosa em sua condenação às mulheres ambiciosas, cujo triste fim era similar ao do filho do homem pobre da alegoria de Smith.

As circunstâncias sociais e históricas da época não favoreciam as mulheres, forçando-as a seguirem os destinos traçados a elas para que sobrevivessem. Jane Austen evidenciou o poder feminino ao escrever sobre heroínas que utilizavam seu raciocínio estratégico num âmbito de teoria dos jogos para alcançar seus objetivos. Mesmo que não fosse possível mudar suas condições sociais, as mulheres poderiam intervir e fazer suas escolhas - que mesmo sendo poucas, sempre existiam. Elas poderiam ser protagonistas de suas vidas, mesmo que do lado da resistência nas relações de poder. Este ponto era central na temática de Austen, demonstrando a obsessão da autora pelo poder da escolha feminina.

O pensamento estratégico, o raciocínio de conjeturar como suas ações repercutirão nas ações dos outros, era essencial para a sobrevivência das mulheres na sociedade patriarcal britânica retratada por Austen. Isto se dava principalmente

na conquista de um marido, que equivalia à obtenção de segurança social e financeira. Era difícil haver oportunidades de cortejo na sociedade da época, regida por severas regras de conduta e etiqueta, pois não era próprio que homens e mulheres ficassem sozinhos. A teoria dos jogos, portanto, era frequentemente utilizada nas manipulações das mulheres para fazer casais se formarem ao proporcionar-lhes maior tempo juntos para conversarem e se conhecerem. Em *Orgulho e preconceito*, por exemplo, a sra. Bennet encoraja a filha a visitar a cavalo a propriedade vizinha, onde habitavam amigas cujo irmão era solteiro e rico, quando havia previsão de chuva. O mau tempo obrigaria os habitantes de Netherfield a convidá-la a permanecer mais tempo na propriedade, onde poderia relacionar-se com o candidato a marido. De fato, a estratégia da sra. Bennet é bem sucedida e, eventualmente, o casamento entre Jane e o sr. Bingley é firmado.

Em *Mansfield Park*, somos apresentados à Fanny Price, recatada e do lar, que passa toda a sua vida obedecendo aos comandos dos outros. Seu desenvolvimento pessoal começa quando finalmente expressa seu desejo ao pedir para tomar café-da-manhã com o irmão antes de sua viagem. Fanny “habitua-se tão por completo a não consultarem sua vontade, nem a qualquer coisa acontecer da forma como desejaria, que ficou mais disposta a se admirar e regozijar por ter conseguido impor sua vontade até então que a se rebelar pela contrariedade que se seguiu” (AUSTEN, 2015b, p.182). Este é o primeiro passo para Fanny assumir sua autonomia feminina, cujo clímax ocorre quando ela recusa a proposta de casamento de Henry Crawford.

*Sir* Thomas recrimina-a por sua recusa, pois ele

considerava-a particularmente livre de obstinação de temperamento, presunção e toda tendência àquela independência de espírito que tanto predomina nos dias modernos, até nas moças, e que nas moças é ofensiva e desagradável além de qualquer ofensa comum. Mas você acabou de mostrar-se que sabe ser obstinada e perversa, que pode e irá decidir por si mesma, sem a menor consideração nem deferência por aqueles que, com certeza, têm o direito de orientá-la, sem sequer lhes pedir o conselho (AUSTEN, 2015b, p.204).

Ele é seguido pela sra. Norris e por *Lady* Catherine que chamam Fanny de independente e egoísta, porque essa é outra forma de impedir uma jovem mulher de fazer sua própria escolha (CHWE, 2013). Mesmo seu primo e interesse amoroso, Edmund Beltram, faz um apelo para que Fanny aceite o casamento: “Fanny, deixe-o triunfar no fim. Você demonstrou integridade e desinteresse, demonstre agora que é

grata e afetuosa, e será o modelo da mulher perfeita para o qual sempre acreditei que nascera” (AUSTEN, 2015b, p.223).

Fanny Price, contudo, consegue se ater a sua escolha e é bem sucedida em sua recusa à proposta de casamento de Henry. Através de *Mansfield Park* e dos seus outros romances, Austen faz um apelo às suas leitoras para que permaneçam firmes em suas convicções e desejos. O mundo patriarcal em que vivemos raramente é gentil para com as mulheres, mas não podemos deixar que ele comande nossas escolhas. Como disse Mary Crawford: “Pronto, vou apostar meu último trunfo, como uma mulher destemida. Nada de prudência receosa para mim. Não nasci para ficar parada e nada fazer. Se eu perder a partida, não será por não ter lutado por ela” (AUSTEN, 2015b, p.158).

A partir desta análise, podemos inferir ideias similares a diversos conceitos econômicos na obra de Jane Austen, particularmente dos livros *Razão e sensibilidade*, *Orgulho e preconceito*, *Persuasão*, *Mansfield Park*, *Emma* e *A abadia de Northanger*, aqui analisados. Os romances da escritora britânica relacionam-se de modo expressivo aos campos de estudo da história econômica, da teoria dos jogos, da ética econômica e da economia feminista. Essa conclusão demonstra a importância da interdisciplinaridade entre as diversas áreas do conhecimento para interpretar objetos complexos e abre possibilidades para novos estudos sobre a relação entre economia e literatura.

## Referências

- AUSTEN, Jane. **Mansfield Park - Emma - A abadia de Northanger**: edição especial. [S.I.]: Martin Claret, 2015b.
- AUSTEN, Jane. **Razão e sensibilidade - Orgulho e preconceito - Persuasão**: edição especial. [S.I.]: Martin Claret, 2015<sup>a</sup>.
- AZEVEDO, Mail Marques de; KINOSHITA, Priscila Maria Menna Gonçalves. Why Jane? Why now? **Scripta Uniandrade**. Curitiba, vol. 10, n. 2, p. 70-82, dez. 2012. Disponível em <<http://bit.ly/2qSpmUD>>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida, volume 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, 3<sup>a</sup> edição. (Éditions Gallimard 1949).
- BECK, Koa. When a marriage plot doesn't mean a happy ending. **The Atlantic**. 2014 Disponível em: <<https://bit.ly/2F0CtNf>>. Acesso em: 04 out. 2018.
- BIAJOLI, Maria Clara Pivato. A popularidade de *Orgulho e preconceito* e a perda de uma Jane Austen crítica. **Expressão**: Revista do Centro de Artes e Letras da UFSM. Santa Maria, ano 18, n. 1 e 2, p.143-154, dez. 2014. Disponível em <<https://goo.gl/uk46pn>>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- BURGAN, Mary. Mr. Bennet and the failures of fatherhood in Jane Austen's novels. **Journal of english and german philology**. Fall 1975: 536-52.
- CHAPMAN, R. W; AUSTEN, Jane. **Jane Austen's letters**: to her sister Cassandra and others. [S.I.], 2. ed. Oxford University Press, 1964.
- CHWE, Michael Suk-Young. **Jane Austen, game theorist**. [S.I.]: Princeton University Press, 2013.
- CHWE, Michael Suk-Young; DUBNER, Stephen; LEVITT, Steve. **Jane Austen, game theorist**. Freakonomics Radio, 04 jul. 2013. Podcast. 1 MP3 (27 min.). Disponível em: <<https://bit.ly/2LVgDZL>>. Acesso em: 05 set. 2018.
- CONLON, Scarlett. SATC ending was a betrayal, says creator. **Vogue**. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2qrp3zx>>. Acesso em: 04 out. 2018.
- COPELAND, Edward. Money. In: COPELAND, Edward; MCMASTER, Juliet. (Orgs). **The Cambridge companion to Jane Austen**. UK: Cambridge University Press, 1997, pp. 131-148.
- CRAIG, Sheryl. **Jane Austen and the state of the nation**. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2015.
- CRAIG, Sheryl. Pride and Prejudice and Poor Laws. **JASNA**: Jane Austen Society of North America. USA, vol. 35, p. 64-74, 2013.
- CRAIG, Sheryl. 'Wealth has much to do with it': The economics of *Sense and sensibility*." **Persuasions**. [S.I.], vol. 33, pp.13-28, 2011. Disponível em <<http://bit.ly/2HZnKmQ>>. Acesso em: 07 mai. 2018.
- CHAMBERLAIN, Shannon. The economics of Jane Austen. **The Atlantic**. [S.I.], Aug. 3, 2014. Disponível em <<https://goo.gl/CFWxTH>> . Acesso em: 23 mar. 2018.
- DAVIDSON, Jenny. **Reading Jane Austen**. UK: Cambridge University Press, 2017.
- DERESIEWICZ, William. No, Jane Austen was not a game theorist. **The New Republic**. USA, Jan. 18, 2014. Disponível em <<http://bit.ly/2FvTedZ>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

EBERLE, Hannah. How Jane Austen uses marriage to get what she wants. **Pursuit: The Journal of Undergraduate Research at the University of Tennessee**. Tennessee, vol. 3, Dec. 2011. Disponível em <<https://goo.gl/ef3SVr>> . Acesso em: 23 mar. 2018.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. **The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination**. USA: Yale University Press, 1979. Disponível em <<http://bit.ly/2vEpe03>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

GILBERT, Sophie. Making peace with Jane Austen's marriage plot. **The Atlantic**. [S.l.], Jul. 20, 2017. Disponível em <<https://theatlntc/2leOg7W>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

GRANT, Madeline. The economics of Jane Austen. **Institute of economics affairs**. [S.l.], Dec. 14, 2017. Disponível em <<https://goo.gl/CxVGJZ>> . Acesso em: 23 mar. 2018.

HECIMOVIČH, Gregg. **Austen's Emma**. [S.l.]: Bloomsbury Academic, 2008.

HIMMELFARB, Gertrude. **The ideia of poverty**. [S.l.]: Knopf, 1984.

HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções: 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 31ª edição, 2013.

HORNEY, Karen. The overvaluation of love. **Female psychology**. New York: Norton, 1967, p. 182 - 213.

HUDSON, Glenda. Consolidated communities: masculine and feminine values in Jane Austen's fiction. **Jane Austen and discourses of feminism**. Ed. Devoney Looser. New York: St. Martin's Press. 1995. 101-114.

JOHNSON, Claudia L. **Jane Austen: women, politics and the novel**. USA: University of Chicago Press, 1990.

MOERS, Ellen. **Literary women: the great writers**. England: Oxford University Press, 1977.

NEWTON, Judith Lowder. Power and the ideology of woman's sphere. **Jane Austen and discourses of feminism**. Ed. Devoney Looser. New York: St. Martin's Press, 1995, p. 880 - 895.

NEWTON, Judith Lowder. Pride and prejudice. **Women, power and subversion: social strategies in british fiction, 1778-1860**. Athens: University of Georgia Press, 1981, p. 55 - 85.

NEWTON, Judith Lowder. Pride and prejudice: power, pride and subversion in Jane Austen. **Feminist studies**. Vol 4, no. 1, 1978, p. 27-42.

OLSEN, Kirstin. **Daily life in 18th-century England**. Westport, Conn.: Greenwood Press. 1999.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. [S.l.]: Intrínseca, 2014 .

SHAKESPEARE, William. **A megera domada**. [S.l.]: Martin Claret, 2003.

SHAKESPEARE, William. **Como gostais/ Conto de inverno**. São Paulo: L&PM Pocket, 2013.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. [S.l.]: Martins Fontes, 2003.

SMITH, Adam. **A teoria dos sentimentos morais**. [S.l.]: Martins Fontes, 1999.

SUTHERLAND, Kathryn. Jane Austen and social judgement. **The british library**, England, May. 15, 2014. Disponível em <<https://goo.gl/2kLfE4>> . Acesso em: 23 mar. 2018.

TORAN, Katherine. The economics of Jane Austen's world. **JASNA: Jane Austen Society of North America**. USA, vol. 36, n.1, Winter 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/rUDx4J>>. Acesso em: 4 abr. 2018.

WHITE, Laura Mooneyham. Jane Austen and the marriage plot: questions of persistence. **Jane Austen and discourses of feminism**. Ed. Devoney Looser. New York: St. Martin's Press. 1995. 71-86.

WOLLSTENCRAFT, Mary. **A vindication of the rights of woman**: with strictures on political and moral subjects. London: J. Johnson, 1792.